

ANO 1 - NÚMERO 5 - MARÇO 2015

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 7,90

ITIQUEIRA FARTURA DAS ÁGUAS

OS MANANCIAIS QUE NOS RESTAM



ISSN 2359-053X

05

POEIRA E BATOM
NO PLANALTO CENTRAL
p. 20

CORA CORALINA
UMA DOCE REBELDIA
p. 36

MARGARIDAS
EM MARCHA
p. 50

Iara

A sereia Iara, Uiara, ou Mãe-d'água, entidade do folclore conhecida em várias regiões brasileiras, é descrita como metade mulher, metade peixe. Moça belíssima, costuma enfeitiçar e atrair os homens para o fundo das águas. Poucos escapam do encantamento dela. E, os que sobrevivem, ficam loucos. A cura só pode ser feita por um pajé ou por uma benzedeira.

Segundo relato de Marina Martinez no site infoescola.com, Iara era uma índia muito trabalhadora e corajosa, filha de um pajé que a admirava e respeitava. Tomados pela inveja, seus irmãos homens tentaram matá-la. Mas foi Iara quem, mais forte, acabou matando os irmãos e saindo viva da emboscada. Com medo da ira das pessoas da aldeia e de seu pai, Iara fugiu para a floresta. Não adiantou, foi encontrada e jogada no encontro das águas dos rios Negro e Solimões, onde se forma o Rio Amazonas.

O corpo de Iara foi trazido à superfície pelos peixes e, sob o reflexo da lua cheia, transformou-se em uma linda sereia de cabelos longos e olhos verdes. Desde então, Iara permanece nas águas, vingando-se dos homens. Para atraí-los, canta lindas canções, troca de escamas a cada fase da lua e deita-se nos bancos de areia dos rios, brincando com os peixes. É o que diz a lenda.

#ForçaAcre!



NOSSO CARINHO ■ NOSSA FORÇA ■ NOSSA SOLIDARIEDADE



SOS ENCHENTE RIO ACRE

Faça sua doação
Banco do Brasil
AG 0071-X CC 500-2
CNPJ 14.346.589/0001-99



O Planalto Central Brasileiro ganhou a reputação de “Berço das Águas” por hospedar as nascentes de algumas das principais bacias fluviais do país. Mas, longe de ser um simples apelido, esse é um aviso à população da região quanto à sua responsabilidade com mananciais que percorrem o território nacional de norte a sul.

As primeiras edificações dos humanos denotavam sua preocupação com a luz, o vento e a água, seu bem mais essencial. Tetos e paredes já cuidavam dos dois primeiros elementos, mas com o terceiro era preciso atenção especial no que diz respeito ao seu uso e conservação. Que março nos faça lembrar isso!

O mês nos alerta, também, de algo que já deveria estar impregnado em nossas mentes desde nascença, que é a igualdade de todos os seres humanos. O Dia Internacional da Mulher, consagrado pelas Nações Unidas, faz-nos rememorar o tema e trazer nestas páginas o perfil de Cora Coralina, uma guerreira que transformou padecimento em versos. Nessa esteira, também as reflexões sobre o magistério como profissão mulher e o papel das mulheres nas obras de construção de Brasília.

Esta edição da Xapuri traz ainda outras matérias e artigos de relevância e atualidade. A lenda de Iara, os versos do maestro Tom Jobim, os 100 anos de José J. Veiga, o planetário digital de Anápolis (GO), a Lei Maria da Penha, as belezas da Serra do Cipó e a maneira criativa de a Galeria Amazônica comercializar artesanato indígena são alguns exemplos.

Mas não paramos por aí. Expressamos nossa solidariedade para com o povo acreano ante a enchente do Rio Acre, maior tragédia ambiental enfrentada pelo estado, e damos as boas-vindas a Altair Sales Barbosa, diretor do Memorial do Cerrado, e a Jacy Afonso, dirigente nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT), os novos membros do nosso Conselho Editorial.

Boa Leitura!

Zezé Weiss, Jaime Sautchuk
Editores

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!



www.xapuri.info

Uma revista socioambiental,
um espaço criativo, alto-astrol,
independente, onde a informação
circula e as coisas acontecem.

Nós fazemos a **Xapuri** acontecer.
Você, com sua assinatura, fará a
Xapuri continuar acontecendo.

Assine agora!

**ASSINATURA
ANUAL
12 EDIÇÕES**

R\$ 75,00

PARA QUALQUER LUGAR DO BRASIL

**COMO
ASSINAR?**

acesse:
www.xapuri.info



**Mensagens
pra Xapuri**

Muito legal a matéria sobre a memória do meu pai, Clóvis Bueno Monteiro, publicada na Revista Xapuri. Obrigado Zezé Weiss, você soube retratá-lo muito bem. Parabéns, gostamos muito.
Bello Monteiro Guarani-Kaiowá, ambientalista, São Paulo.

Ficou ótima a matéria [sobre Atto, a torre gigante da Amazônia]. Parabéns! Podemos compartilhar na nossa página?
Fernanda Farias, fotógrafa, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPE.

Parabéns, Zezé Weiss e Jaime Sautchuk [pela revista Xapuri] ... uma outra comunicação é possível... uma outra pauta é possível... uma outra qualidade é possível... um mundo melhor é possível!
Gustavo Chauvet, historiador, Portal Leia Brasília, Distrito Federal.

Como leitora assídua da Xapuri quero a quinta edição!
Izabela Zonato, estudante de Direito, São Paulo, Capital.

Parabéns a toda a equipe Xapuri! Bela revista! Iniciativa como a de vocês merece todo o nosso reconhecimento.
Juberto Jubé, advogado, Goiânia, Goiás.

Parabéns, Xapuri! Está linda a Revista, viva!
Marcia Martinn, Artheventos Produções Sustentáveis, São Paulo, Capital.

Revista eletrônica de alto nível. Valeu, Zezé Weiss e Jaime Sautchuk. Parabéns a toda a equipe, excelente!
Renio Quintas, produtor cultural, Brasília, Distrito Federal.

Edição Primorosa. Parabéns!
Mara Régia, Jornalista, Distrito Federal.

contato@xapuri.info

“ O bonito me encanta. Mas o sincero, ah! Esse me fascina. ”

Clarice Lispector

COLABORADORES/COLABORADORAS MARÇO

Aldimar Nunes Vieira – Fotógrafo; **Altair Sales Barbosa** – Pesquisador, Professor; **Amanda Lima** – Publicitária; **Anderson Blaine** – Web Designer; **Eduardo Weiss** – Cientista Social; **Guilherme Cabelo** – Historiador, Livreiro; **Jaime Sautchuk** – Jornalista, Escritor; **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental; **Leonardo Boff** – Teólogo, Filósofo, Escritor; **Lúcia Resende** – Mestra em Educação pela UnB; **Natasha Cavalcante** – Fotógrafa; **Nara Serra** – Fotógrafa; **Priscila Silva** – Psicopedagoga; **Priscilla Miranda** – Administradora; **Raquel de Queiroz** – Escritora; **Rui Bozza/ITS** – Fotógrafo; **Saulo Carvalho** – Fotógrafo; **Simonny Santos** – Fotógrafa; **Sylvio Coutinho** – Fotógrafo; **Socorro Alves** – Mobilizadora Social; **Tom Jobim** – Músico; **Zezé Weiss** – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk
2. Zezé Weiss
3. Altair Sales Barbosa
4. Binho Marques
5. Cássia Oliveira
6. Graça Fleury
7. Jacy Afonso

8. Juan Pratginestòs
9. Marcelo Manzatti
10. Neusimar Coelho
11. Priscila Silva
12. Socorro Alves
13. Ronei Alves
14. Rui Faquini



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental

Telefone: (61) 3044 7755. **E-Mail:** revista@xapuri.info. **Razão Social:** Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. **CNPJ:** 10.417.786\0001-09. **Endereço:** BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. **Atendimento:** Janaina Faustino (61) 9611 6826. **Edição:** Jaime Sautchuk (61) 9918-0983 – Zezé Weiss (61) 9974 3761. **Revisão:** Lúcia Resende, Maria Helena Schuster. **Produção:** Zezé Weiss. **Jornalista Responsável:** Thais Maria Pires – 386/GO. **Capa:** Aldimar Nunes Vieira. **Tiragem:** 3.000 exemplares. **Circulação:** Revista Impressa – Brasília, Goiás, Planalto Central. Revista Web – Todo o território nacional. **ISSN** 2359-053x.

Xapuri 05 MAR 15

SOCIOAMBIENTAL

11

CAPA

Itiquira,
fartura das águas

24

LITERATURA

Homenagens a
José J. Veiga

16

DIREITOS HUMANOS

Lei Maria da Penha

30

GASTRONOMIA

O feijão

19

AGROECOLOGIA

Mulheres Trançadeiras

40

EDUCAÇÃO

Magistério – Profissão Mulher

22

ECOLOGIA

Viajantes apressados num
planeta errante

50

VOZES DA TERRA

Margaridas em marcha

02

CULTURA ECOLÓGICA

Iara

35

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Planetário Digital de Anápolis

14

AGENDA

Março, Mês da Mulher

36

MEMÓRIA

Cora Coralina

20

BRASÍLIA

Poeira e Batom
No Planalto Central

43

SUSTENTABILIDADE

Um Chamado à Cooperação
e à Esperança

26

ECONOMIA CRIATIVA

Galeria Amazônica

44

URBANIDADE

Buzu de graça em Maricá!

28

BIODIVERSIDADE

Águas de Março

47

CULTURA

Noites Tortas

32

ECOTURISMO

Serra do Cipó

32

MEIO AMBIENTE

Serra das Areias



**Aproveite suas férias.
Deixe sua casa sob nossos cuidados.**

ETASS

61 3033 3333

CAPA



ITIQUEIRA, FARTURA DAS ÁGUAS OS MANANCIAIS QUE NOS RESTAM

Jaime Sautchuk

O Planalto Central Brasileiro tornou-se conhecido por estudiosos e viajantes do século XVIII como "o berço das águas", por abrigar nascentes de três importantes bacias fluviais: Paraná/Prata, São Francisco e Araguaia/Tocantins. Uma fartura que ainda hoje enche nossos olhos com maravilhas da natureza como o Salto do Itiquira, cartão postal do município de Formosa, Goiás.

O salto de 168 metros de queda livre, cujo nome em tupi-guarani significa água em abundância, ou fartura das águas, encontra-se protegido pelo Parque Municipal do Itiquira, em local de fácil acesso, distante 120 km de Brasília, com visitação controlada e serviços básicos de alimentação e hotelaria nas proximidades da

reserva de 200 hectares.

Também o singelo encontro de nascedouros das três bacias na Reserva de Águas Emendadas, no Distrito Federal, com distâncias de poucos metros entre eles, chega a ser intrigante. São pequenas fontes que já no berço se despedem pra seguirem rumos diferentes, uma pro Sul, outra pro Nordeste e a terceira pro norte amazônico.

Cerca de 200 km ao norte dali, mas como parte do mesmo conjunto, estão as incontáveis nascentes de córregos e rios da Chapada dos Veadeiros. Esses descaem em saltos, corredeiras e desfiladeiros, dentro e fora dos 65 mil hectares do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

A região do Planalto Central é

merecedora, enfim, do apelido que ganhou dos viajantes do passado. Mas essas são amostras de um farto leque de mananciais de superfície que vêm minguando com espantosa rapidez. Dos 41 cursos d'água da área onde hoje está o DF, por exemplo, vários secaram por completo, e os demais definham a olhos vistos, raquíticos e poluídos.

Irrigação versus energia

Históricos aliados nas políticas oficiais brasileiras, a água e a energia elétrica entram agora em choque, pelo que revelam os debates em andamento nos comitês de bacia que funcionam. Em Goiás, fica clara a contraposição do



argumento central pra isso é o de que a maior parte das usinas opera no limite e, portanto, precisa de todo o líquido dos barramentos pra girar suas turbinas.

Segundo a Agência Nacional de Águas (ANA), não é viável a construção de grandes barragens no Planalto Central. Mas estão previstas dezenas de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) em rios da região, um prenúncio de conflitos com moradores e irrigantes. Na Chapada dos Veadeiros, a contenda já está instalada, mas neste caso é com o setor de turismo, principal fonte de renda dos municípios da área.

Gestão da água

A gestão da água é hoje, mais do que nunca, um tema internacional. Em reunião na França, em novembro passado, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) concluiu volumoso documento em que analisa a situação do Brasil nessa área.

Aqui, em tese, da área federal sai o dinheiro pra estudos, planos e investimentos, além da proteção dos parques nacionais. Os estados atuam no planejamento regional e em obras que normalmente

abarcam vários municípios. E as prefeituras cuidam das redes de distribuição e dos investimentos localizados, de menor vulto.

A OCDE aponta, contudo, a sobreposição de atribuições da União, de estados e municípios como um dos nossos principais problemas, apesar da ampla legislação sobre o tema. Há, segundo o documento, falha na comunicação entre os órgãos federais e os municípios, de modo que as prefeituras mal são informadas da construção de uma hidrelétrica, por exemplo.

O documento ressalta a existência dos comitês de bacias, mas demonstra que a esmagadora maioria desses colegiados tem função meramente burocrática. E recomenda maior participação das bases, da chamada sociedade civil organizada, e que seja dada força de lei às decisões desses órgãos.

A criação do Conselho Nacional de Recursos Hídricos, prevista no Brasil, seria uma maneira de fazer funcionar o Pacto Nacional de Gestão das Águas, já existente.

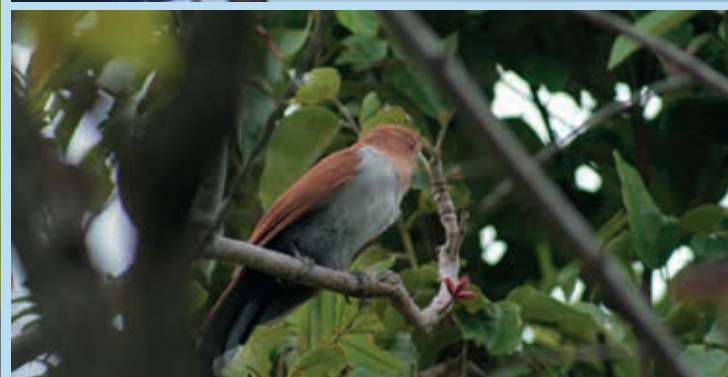
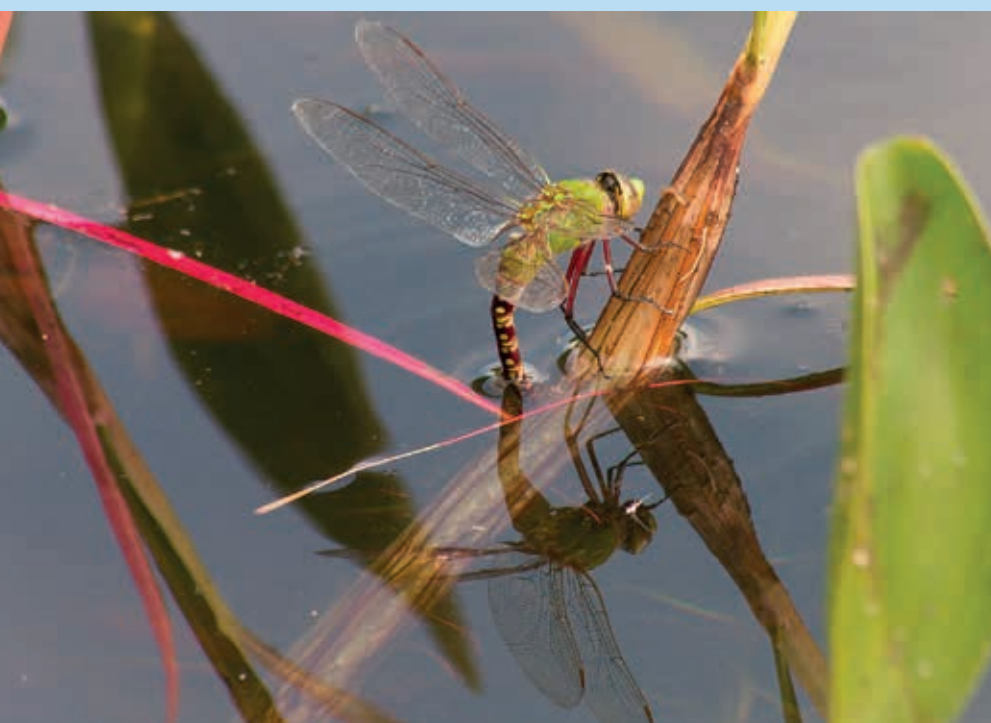
Nem jacaré escapa

Estudos de órgãos federais, do Distrito Federal e de estados do Centro-Oeste, demonstram

que praticamente todos os mananciais da região estão comprometidos por algum tipo de poluição. Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa), nem a água, nem a flora e nem a fauna aquática dos rios que formam o Pantanal Mato-grossense se salvam da contaminação por agrotóxicos.

Pesquisa da empresa revela que, já em 2001, das amostras coletadas em 16 rios pantaneiros, inclusive o Cuiabá e o Paraguai, 83% continham teores de herbicida ou inseticida, alguns de uso proibido. E atribui a contaminação ao uso exagerado de agrotóxicos e ao manejo inadequado da agropecuária extensiva, que não impede que a água da chuva leve os venenos até os cursos d'água.

Nas áreas urbanas, mesmo em cidades pequenas, estão presentes também as bactérias de esgotos domésticos, o lixo do dia a dia e os dejetos industriais. As populações humanas da região são contaminadas pelo contato direto com essas águas – inclusive pela ingestão – e pelo peixe, que é pescado ou adquirido em mercados. Das águas de março que vão deixando o verão, ficam poucas promessas de vida para os mananciais que nos restam nesse pedaço de chão do Planalto Central Brasileiro.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

Fotos: Blog Águas Emendadas



Foto: Ecotur DF





Marco, Mês da Mulher

Mônica Gaspar, Zezé Weiss

Otávio de Souza com o nome “Rosa” e musicados como valsa parnasiana por Pixinguinha, comparam a flor à mulher, exaltam a beleza e a graciosidade femininas.

Porém, elogios nunca impediram as injustiças sociais e econômicas sofridas pelas mulheres ao longo dos séculos.

A sociedade mundial, acostumada à invisibilidade da mulher que “lava a roupa todo dia”, como cantada nos versos de Luís Melodia, sempre impôs humilhações às trabalhadoras de todos os países. Corajosas, no entanto, elas lutaram até que conseguiram criar, na primeira década do século XX, o Dia Internacional da Mulher.

“Tu és divina e graciosas, estátua majestosa, no amor, por Deus esculpada”. Esses versos de evocação, compostos no ano de 1917 pelo mecânico

melhores condições de trabalho, sobretudo a redução da absurda jornada de trabalho, de 16 para 10 horas, equiparação dos salários com o dos homens (elas ganhavam até um terço, na mesma função) e tratamento digno dentro do ambiente de trabalho.

A manifestação foi reprimida com total violência: as mulheres foram trancadas, a fábrica incendiada. Cerca de 130 mulheres morreram carbonizadas. O episódio, ao invés de arrefecer a luta das mulheres, provocou seu fortalecimento. Há registros de que o primeiro Dia Internacional da Mulher foi celebrado em 28 de fevereiro de 1909, nos Estados Unidos, em memória desse protesto e em homenagem às tecelãs sacrificadas.

Na verdade, no começo do século passado, houve um acúmulo de mobilizações de mulheres, em várias partes do mundo. Operárias russas, não aguentando mais a pesada jornada de 14 horas diárias nas fábricas e os salários até três vezes menores que

os dos homens, deflagraram um grande movimento por igualdade de gênero, considerado estopim da Revolução de 1917 e fomento para que a luta da mulher ganhasse mais espaço e mais força.

É nesse contexto que surgiu a proposta de instituição do Dia Internacional da Mulher, em 1910, em Copenhague, na Dinamarca, durante II Conferência Internacional de Mulheres Socialistas. Àquela época, em vários lugares, sobretudo no Ocidente, comemorava-se o dia da mulher, mas em datas diversas. Mas foi muito depois, só em 1977, após muita luta mundo afora, após inclusive o sacrifício de muitas vidas, que o Dia Internacional da Mulher se tornou um evento oficial da Organização das Nações Unidas (ONU).

A data é marcada por discussões sobre o papel da mulher na sociedade, sobre a busca de soluções para a discriminação, sob qualquer de suas formas, sobre o combate à desvalorização do trabalho das mulheres e sobre meios de enfrentamento da violência que, lamentavelmente, ainda persiste vitimando mulheres em todo o mundo. Também por ocasião do 8 de março há um avivamento da luta, com a divulgação das conquistas e dos avanços obtidos e com o debate sobre os desafios da atualidade.

No Brasil, não tem sido diferente. No século passado, a mulher brasileira esteve sempre

alerta, presente nas fileiras de luta, engrossando o caldo cultural que trouxe conquistas incalculáveis. Mirando-se no exemplo daquelas guerreiras, as brasileiras também batalharam e continuam lutando para garantir um tratamento digno e a tão sonhada equidade de direitos, além da conquista do respeito às diferenças. Mulheres negras, mulheres indígenas, mulheres tantas em situação de desigualdade permanecem apontando as diretrizes de uma luta que parece não ter fim.

“
(...) a mulher brasileira esteve sempre alerta, presente nas fileiras de luta

”
As principais conquistas sociopolíticas femininas no nosso país aconteceram a partir do século XX, por exemplo, o direito de votar e ser votada, em 1932. Carlota Pereira de Queiroz foi, em 1933, eleita a primeira deputada federal. Passados 55 anos, a Assembleia Nacional Constituinte de 1988 contou com 26 deputadas mas, ainda, nenhuma senadora. Hoje, temos 51 mulheres na Câmara e 5 no Senado.

Em 1988, foram aquelas parlamentares, chamadas de “bancada do batom”, que garantiram no texto constitucional a igualdade

formal entre todos os cidadãos e cidadãs do país. Mas a Carta Magna, infelizmente, não espelha a realidade de muitas conterrâneas que ainda convivem com injustiças trabalhistas, com discriminação e com um quadro preocupante de violência física e psicológica.

Os homens brasileiros apreciam uma “mulher nova, bonita e carinhosa”, porém são, muitas vezes, de uma violência implacável contra cônjuges e filhas. A cultura patriarcal, machista, aliada a resquícios de uma cultura escravagista colocou – e ainda coloca – a violência doméstica como pauta constante de luta das mulheres no Brasil. Uma luta que trouxe conquistas importantíssimas, dentre elas a chamada Lei Maria da Penha, uma das ações mais importantes do Legislativo brasileiro em favor da mulher, em vigor desde 2006.

Neste Dia Internacional da Mulher, é importante pensar sobre essas conquistas, sobre os avanços, mas é fundamental olhar adiante, para um horizonte de menos injustiças contra a mulher. Este está, por certo, ainda distante, mas alcançável, com as mulheres seguindo na caminhada, a passos firmes e determinados.

Mônica Gaspar

Economista, Escritora, Atriz, Diretora Teatral e Autora, junto com Tania Fontenele, do livro Poeira e Batom, 50 mulheres na construção de Brasília.



Zezé Weiss

Jornalista Socioambiental.



LEI MARIA DA PENHA



UM MARCO NO COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Priscila Silva

“Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.”

A lei 11.340/06, ou Lei Maria da Penha, sancionada pelo ex-presidente Lula em 7 de agosto de 2006, representa um marco no combate à violência doméstica no Brasil. A vigência começou em 22 de setembro de 2006 e, já no dia seguinte, o primeiro agressor foi preso no Rio de Janeiro, depois de tentar estrangular a ex-esposa. O nome popular da Lei é uma homenagem à farmacêutica Maria da Penha Fernandes, vítima de violência doméstica durante 23 anos de casamento, período em que sofreu duas tentativas de assassinato: uma

com arma de fogo, em 1983, que a deixou paraplégica; e outra, tempos depois, por eletrocussão e afogamento. Depois disso, Maria da Penha tomou coragem e fez denúncia contra o agressor, lutou incansavelmente até que ele foi preso, 12 anos depois, em 1996, tendo cumprido pena em regime fechado por dois anos. Mas a luta de Maria da Penha continuou, em benefício de outras mulheres que, como ela, padecem com a violência doméstica. Daí se justifica que seu nome intitule a Lei aprovada em 2006. Graças a esse instituto legal, hoje no Brasil o agressor de

mulheres no ambiente doméstico ou familiar pode ser preso ou pode ter sua prisão preventiva decretada, sem possibilidade do benefício de penas alternativas. A legislação também aumenta o tempo máximo de detenção prevista – de um para três anos – e adota medidas preventivas, que vão desde a remoção do agressor do domicílio à proibição de ele se aproximar da mulher agredida. Esta é, sem dúvida, arma indispensável no combate à violência doméstica, que tanto mal tem causado a inúmeras mulheres brasileiras.



Priscila Silva
Psicopedagoga



BANCÁRIAS NA LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO

A luta pela igualdade de tratamento e de oportunidades no mercado de trabalho entre homens e mulheres é uma constante dos sindicatos. Somando forças, as bancárias conquistaram muitos direitos, como a ampliação da licença-maternidade para 180 dias. Mas elas continuam sendo discriminadas nos bancos. O II Censo da Diversidade (outra conquista das trabalhadoras), feito pela Federação Nacional dos Bancos em 2014, aponta que as bancárias recebem 77,9% do

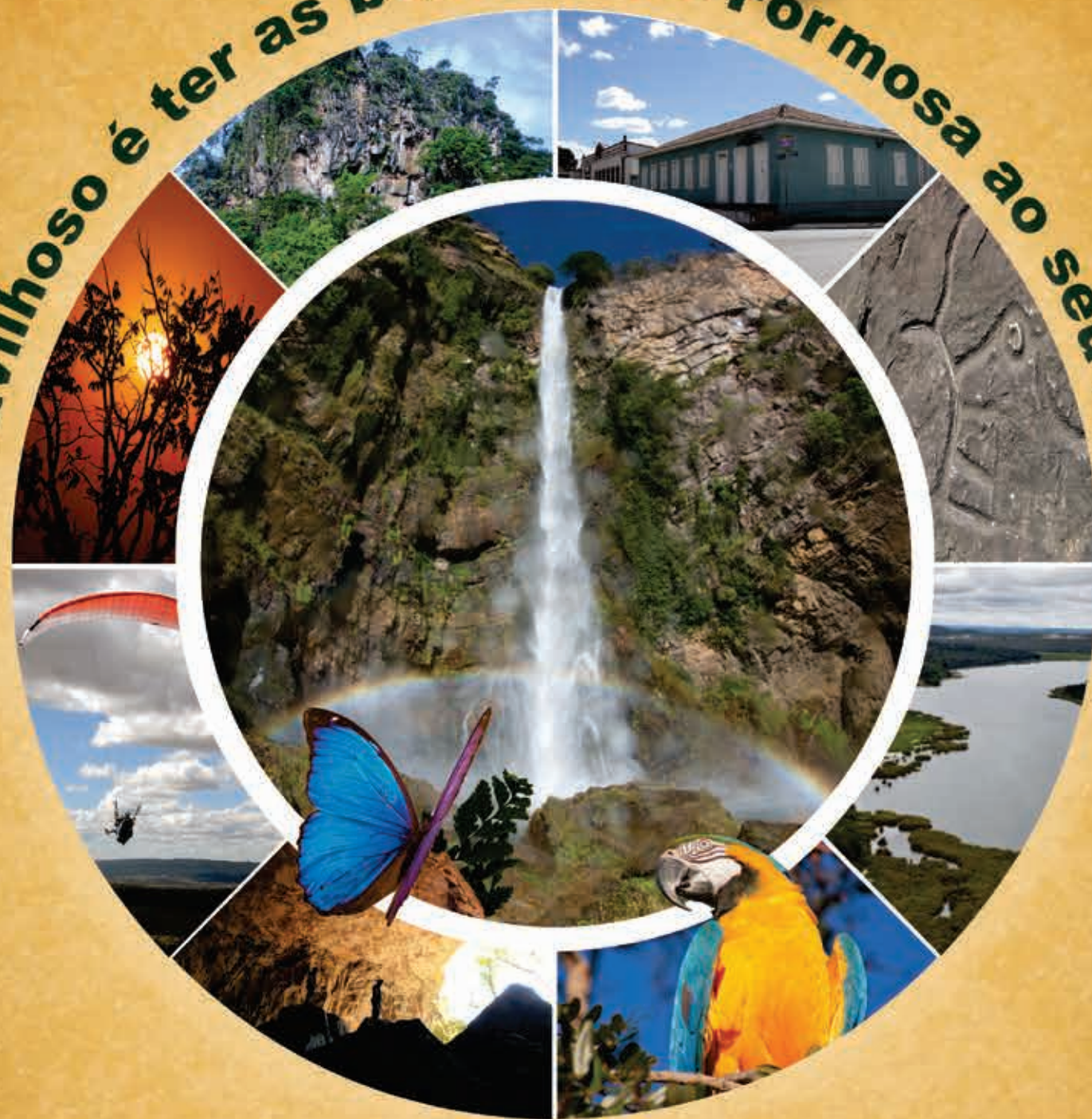
“
RECUSAR À MULHER
A IGUALDADE
DE DIREITOS EM
VIRTUDE DO SEXO
É DENEGAR
JUSTIÇA A METADE
DA POPULAÇÃO

BERTHA LUTZ

salário médio dos homens, o que corresponde a apenas 1,5 ponto percentual a mais em relação ao I Censo (2008). Isso demonstra que os bancos não vêm fazendo nada de efetivo para mudar esse quadro. E o pior é que ainda se negam a reconhecer essa desigualdade e descartam o fato de que existe discriminação. Mas as bancárias seguem na luta pela igualdade de gênero.

PARABÉNS, BANCÁRIAS!

Maravilhoso é ter as belezas de Formosa ao seu redor



MULHERES TRANÇADEIRAS

AUMENTAM RENDA COM PRODUÇÃO DE CHAPÉU DE PALHA

Janaína Faustino

As mulheres trabalhadoras rurais da comunidade da Lapinha, localizada no município mineiro de Morro do Pilar, integrantes da Associação de Moradores, Agricultores e Apicultores da Lapinha – Amaalapinha, trabalham duro para reforçar a segurança alimentar de sua comunidade e, ao mesmo tempo, garantir a comercialização dos excedentes para assegurar o sustento de suas famílias.

Apoiadas pelo Fundo Socioambiental CASA, as mulheres da Amaalapinha

construíram sua “casa de feitiço”, investiram em formação e capacitação, principalmente em planejamento, gestão financeira e comercialização, e saíram em busca de alternativas para aumentar a renda familiar e melhorar a qualidade de vida de si mesmas e de suas famílias.

Compromissadas com os princípios da agroecologia e da economia solidária, as mulheres da Lapinha, em sua maioria hábeis trançadeiras de produtos em palha, decidiram juntar o seu conhecimento tradicional,

acumulado há várias gerações, com as técnicas e práticas de gestão e produção aprendidas nas oficinas de capacitação, em um negócio bem sucedido da produção do chapéu indaiá, muito apreciado na região.

Com isso, dizem: “valorizamos o modo de vida rural, simples e verdadeiro, melhoramos nossas condições sociais, ambientais e econômicas e, com a qualidade e a beleza de nosso chapéu indaiá, levamos conforto e felicidade a muita gente, aqui e por aí fora.” Belo trabalho, belo exemplo!



Janaína Faustino
Gestora Ambiental

POEIRA E BATOM NO PLANALTO CENTRAL

NOTÍCIAS DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA

— Zezé Weiss

As escritoras e economistas brasilienses Tânia Fontenele Mourão e Mônica Ferreira Gaspar de Oliveira produziram um documento histórico primoroso sobre as mulheres que participaram da construção de Brasília.

O livro Poeira e Batom no Planalto Central – 50 mulheres na construção de Brasília (Petrobras, 2010) resgata, por meio de depoimentos das mulheres pioneiras que chegaram às terras poeirentas da nova capital entre os anos 1956-1960 e permaneceram no Distrito Federal por pelo menos 20 anos, o complexo emaranhando de novos desafios, novas experiências, novos costumes e novos comportamentos vivenciados pelas mulheres que ajudaram a construir Brasília.

No dizer das próprias autoras, Poeira e Batom no Planalto Central “proporciona às futuras gerações fonte de pesquisa e referência histórica, além de experiências das mulheres em Brasília, no início dos anos 60, que contribuíram para a formação da cultura que permeia a cidade até os dias de hoje”. Os textos e depoimentos que se seguem são excertos desse livro de leitura leve, deliciosa e imperdível.

“

Lá de casa dava para ver bem [de] perto onde paravam os caminhões de gente que estavam vindo. Ali paravam e desciam. Eu achava uma beleza ir lá ver a poeira subindo.

Mercedes Parada

As mulheres que vieram para [a construção de] Brasília estavam na frente, criando algo muito novo e tendo coragem para enfrentar uma terra sem nada construído. Quando penso nisso fico emocionada.

Lia Sayão de Sá

Brasília era o símbolo do novo, aqui não se tinha controle sobre o comportamento de forma mais conservadora que em outros lugares. Brasília era toda nova, ninguém se conhecia, mas todo mundo se unificava naquele novo e gerava uma solidariedade impressionante.

Iara Pietricovsky

”

Brasília representou, para muitas mulheres, a quebra de paradigmas. Aqui não havia os controles sociais e morais de outros centros urbanos. A seleção por concurso de professoras em todo o país criou oportunidades para muitas mulheres saírem de suas pequenas cidades e terem a grande chance de conquistar sua independência econômica e social. Os salários eram compensadores. E, vindo para uma cidade em construção como Brasília, elas poderiam romper com os antigos valores patriarcais. Simone de Beauvoir, em 1949, já afirmava, no seu clássico livro O Segundo Sexo, que seria pela independência econômica um dos caminhos para as mulheres alcançarem a liberdade (...)

(...) Os jovens casais que aqui chegavam tinham que encontrar meios de criar seus filhos sem os aparatos de avós, tias e outros familiares. A divisão sexual do trabalho tradicional encontrou barreiras para se estabelecer numa cidade em que todos precisavam se ajudar mutuamente para sobreviver num cenário de precariedades. As relações de amizade com pessoas vindas das mais diferentes partes do país favoreciam as trocas solidárias, e homens e mulheres percebiam que precisavam reinventar outras formas de boa convivência.

(...) As discussões sobre liberdade de expressão e direitos iguais entre homens e mulheres davam seus primeiros passos em manifestações nos Estados Unidos e na França. No Brasil, ainda vigoravam papéis bem marcados entre homens e mulheres. Em Brasília, porém, até os costumes estavam em construção, propiciando novas relações entre as pessoas.

“

Eu fiquei bastante surpreendida com as nordestinas, por exemplo, com as mineiras, ou as paulistas, que chegavam de calça comprida, as gaúchas não usavam calça comprida. E eu aderi a isso. Achei [uma] coisa fantástica, maravilhosa.

Therezinha Rodrigues

Eu fui a primeira moça em Brasília que usei biquíni. Chegava na beira da piscina com a minha amiga, eu botava uma toalha no ombro e ia escorregando assim na beira da piscina até cair, pra ninguém ver meu corpo.

Zeni Moreira

Aqui em Brasília eu aprendi a ser independente, [a] ser uma mulher assim que podia expressar num meio político, no meio social dos empresários que estavam em Brasília, eu podia chegar pra eles e reivindicar direitos para os empregados deles.

Alice Maciel

”



Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental





VIAJANTES APRESSADOS NUM PLANETA ERRANTE

Fotos: Ruy Bozza - ITS

Altair Sales Barbosa

O meio ambiente é formado basicamente por três grandes conjuntos de elementos ou recursos: as Biogeoestruturas, o Entorno e os Sistemas Externos Incidentes.

O primeiro conjunto é composto por três recursos de natureza material: o atmosférico, o hidrosférico e o litosférico, e de um quarto recurso, constituído pelos seres vivos, que são sistemas de base físico-química, com variados padrões de organização específicos, automanutíveis, autopetruáveis e autorreguláveis, com a capacidade de evoluir ao longo do tempo e de relacionar-se entre si e com o meio. Esses quatro recursos que formam o primeiro conjunto recebem a denominação de

Biogeoestruturas.

O segundo grande conjunto recebe a denominação de Entorno e varia de lugar, conferindo a cada ambiente suas características. O Entorno é formado por uma série de fatores físicos e físico-químicos, tais como o clima ou regime climático, a energia, a gravidade e a gravitação, o relevo ou topografia, a intensidade de ruídos, a concentração iônica, o fogo espontâneo ou proveniente de outras causas.

O terceiro conjunto de componentes são os chamados Sistemas Externos Incidentes, que proporcionam insumos de energia e/ou matéria. Entre esses, o sol, que proporciona energia radiante aos sistemas terráqueos, e os sistemas

marinhos, que proporcionam oxigênio aos sistemas terrestres aéreos, através dos ventos.

Os três grupos de componentes ou conjuntos citados – biogeoestruturas, entorno e sistemas externos incidentes – não estão justapostos no meio ambiente, mas interatuam, formando sistemas dotados de alto grau de organização, como uma maneira de contrapor a tendência à entropia que têm os sistemas físicos e químicos.

Esses sistemas que representam as unidades de organização do meio ambiente recebem o nome de ecossistemas ou sistemas ecológicos. Cada ecossistema compreende uma atmosfera, uma hidrosfera, uma litosfera e uma comunidade biótica, ou seja, o conjunto de populações vegetais e animais. Compreende também os elementos do entorno e os elementos originados dos sistemas externos incidentes, que atuam localmente.

Portanto, um ecossistema é um sistema integrado por todos os organismos vivos, incluindo o homem, e pelos componentes físicos e químicos presentes, que ocupam o setor ambiental definido no espaço e no tempo e cujas propriedades reais de funcionamento e regulamentação derivam das interações de seus componentes,

estando condicionado o comportamento de cada um.

O ser humano atual é o resultado de dois processos evolutivos que se sobrepuseram ao longo do tempo: a evolução biológica, que compartilha com os demais seres vivos e que fundamentalmente consiste na transferência de adaptações biológicas que facilitam a sobrevivência e a seleção das espécies, e a evolução cultural, resultado dos avanços tecnológicos logrados pela espécie humana em sua evolução biológica.

A grande maioria dos estudos contemporâneos aponta que a raiz dos males da sociedade moderna reside na dicotomia Homem-Natureza, que por sua vez é a base na qual está a essência da cultura ocidental. Esse é o grande paradigma da

contemporaneidade.

Portanto, se o Homo-sapiens-sapiens não tiver conhecimento e liberdade necessária e suficiente para entender os caminhos profundos dessa luta a favor do meio ambiente como um todo, eliminando os eixos da superficialidade, não passará de um viajante apressado nesse planeta errante.

Altair Sales Barbosa

Pesquisador. Doutor.
Professor titular da
Universidade Católica de
Goiás





Foto: Jornal O Popular



Foto: O Tempo



Foto: Jornal Opção



Foto: Benzenteiro

HOMENAGENS A JOSÉ J. VEIGA

Jaime Scutchuk

Se estivesse vivo, o escritor José J. Veiga teria feito 100 anos em fevereiro. Bom motivo pras comemorações. Em Corumbá de Goiás, sua terra natal, vários eventos o homenageiam. Em plano nacional, a editora Companhia das Letras iniciou a reedição de suas obras, começando por “Os Cavaleiros de Platilante”, já nas livrarias.

Este foi seu primeiro livro, que ele só publicou aos 44 anos de

idade, após muita insistência de alguns amigos. Entre esses estava João Guimarães Rosa, que leu os originais e pretendia fazer um prefácio pra obra, intento de que foi dissuadido pelo autor. Ele achava descabidos prefácios em peças de ficção.

Os dois eram muito amigos, a ponto de Rosa usar seu gosto pelo sobrenatural pra sugerir, com base em numerologia, que

seu colega passasse a usar o nome de José J. Veiga, em vez do José Jacintho Pereira Veiga de nascença. A sugestão foi prontamente aceita.

O segundo livro veio devagar, levou bons sete anos para sair. Foi o romance “A Hora dos Ruminantes”, de 1966, um estouro de público – vendeu nove edições de enfiada, surpreendendo até os editores. Com tamanha aceitação dos

leitores e pedidos de tradução no mundo inteiro, nos anos seguintes vieram muitos mais, um atrás do outro.

O surrealismo ou o realismo fantástico, como se convencionou chamar, sempre tomou conta da sua narrativa. Nos seus 15 livros de contos e romances, Veiga tinha um estilo inconfundível, capaz de misturar a dura realidade do seu estado e do Brasil com viagens espaciais e bois que voam.

Ele, contudo, não gostava dessa classificação. Considerava esse tal “realismo fantástico” um modismo da mídia, um ardil marqueteiro destinado a vender livros num período em que o mundo alçava voos interplanetários. Mas é inegável que o universo goiano, interiorano, com seus valores e sua rotina de vida, está presente em toda sua obra, mesclado com o surreal.

No romance “Relógio Belisário”, por exemplo, Veiga consegue colocar o legendário detetive inglês Sherlock Holmes, criação de Conan Doyle, pra ajudar um delegado de polícia a desvendar um crime no Rio de Janeiro. De quebra, envolve um javanês, que não passava de um personagem de outro escritor, o carioca Lima Barreto, no livro “O Homem que Sabia Javanês”, publicado em 1911.

Veiga nasceu numa fazenda nos limites de Corumbá com Pirenópolis, às margens do

córrego Baião, onde seu pai era agregado. Com seis anos de idade, foi com a família pra cidade e ali seu pai, Luiz Pereira da Veiga, virou pedreiro na construção civil. Aos doze, perdeu a mãe e foi morar com tios na cidade de Goiás (Goiás Velho), então capital do estado.

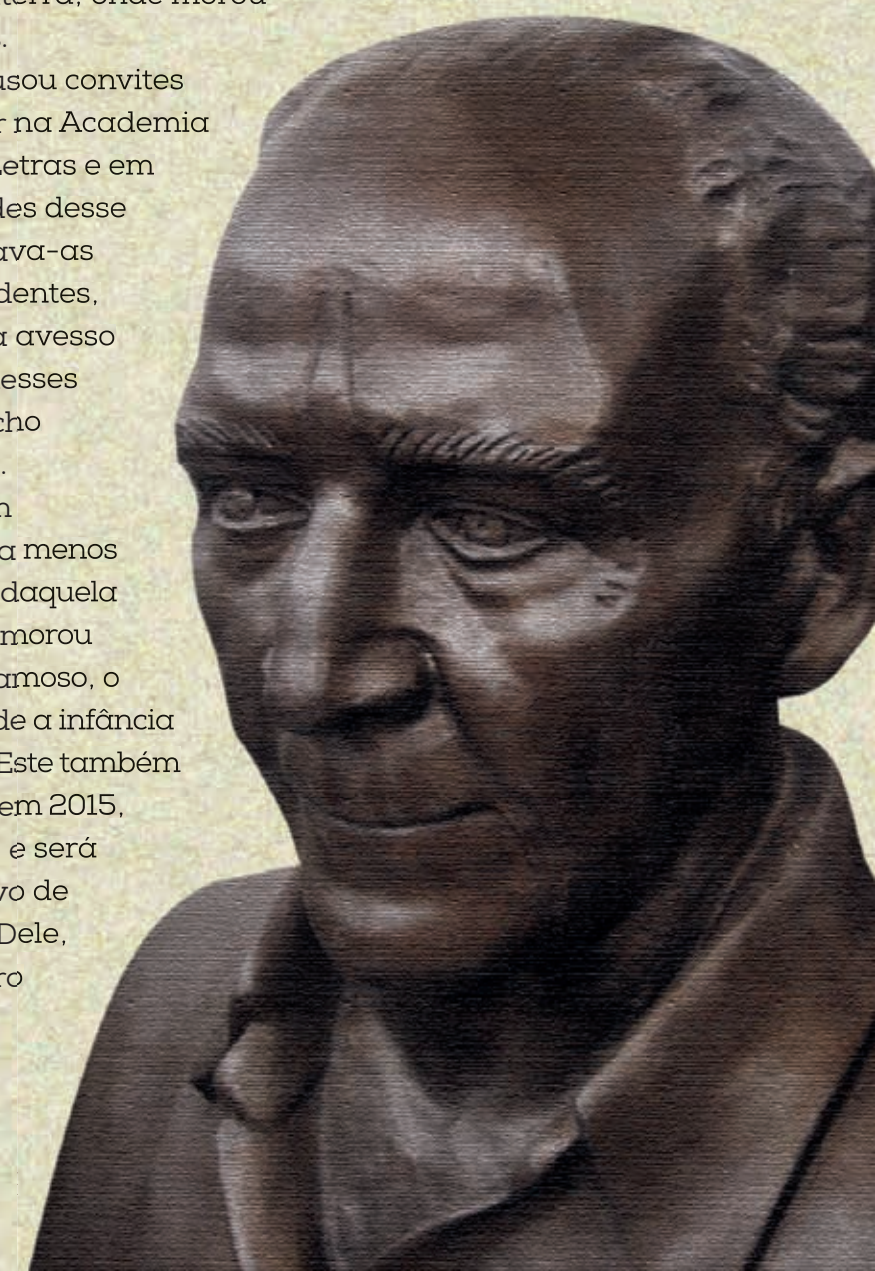
Ele deixou o chão goiano aos 20 anos e se tornou advogado nos bancos da Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro. Mas nunca exerceu a profissão. Virou jornalista e trabalhou em *O Globo*, *Tribuna da Imprensa*, *Seleções Reader's Digest* e na rádio *BBC* de Londres, Inglaterra, onde morou por cinco anos.

Sempre recusou convites para ingressar na Academia Brasileira de Letras e em outras entidades desse tipo. Considerava-as elitistas, excludentes, seletivas, e era avesso à ritualística desses ambientes. “Acho ridículo!”, dizia.

Sua casa, em Corumbá, fica a menos de 500 metros daquela onde nasceu e morou outro escritor famoso, o seu amigo desde a infância Bernardo Élis. Este também faria 100 anos em 2015, em novembro, e será igualmente alvo de homenagens. Dele, falaremos outro dia.



Jaime Scutchuk
Jornalista. Escritor





Fotos: Natasha Cavalcante

GALERIA AMAZÔNICA

UM EXEMPLO DE COMÉRCIO JUSTO NO BRASIL

Eduardo Weiss

Em vários países do mundo, prolifera cada vez mais o *fair trade* – ou comércio justo, em português. A expressão é usada para denominar a venda de produtos provenientes de fontes onde não há exploração das pessoas que produzem as peças comercializadas e que usam práticas que visam à sustentabilidade.

Em empresas que adotam o comércio justo, os funcionários são remunerados de modo adequado ou são os próprios donos dos frutos do seu trabalho, muitas vezes em cooperativas. Não se trata de apenas mais um capricho do consumismo americano ou europeu, mas sim de uma etapa fundamental para o desenvolvimento de um modelo de produção mais consciente.

No Brasil, a Galeria Amazônica é uma das poucas organizações que se autodenominam integrantes do comércio justo. Localizada em frente ao Teatro Amazonas, no Largo de São Sebastião, em Manaus (AM), a loja apresenta uma decoração refinada, com aspecto de um pequeno museu,

destacando-se dos outros pontos de venda de artesanato indígena da região.

A loja, que expõe e comercializa produtos como cestarias, joias, bolsas, tapetes e livros contemporâneos de origem indígena e ribeirinha de alta qualidade, é na verdade uma organização sem fins lucrativos, inaugurada em 19 de abril de 2008 pela Associação Comunidade Waimiri-Atoari, em parceria com o Instituto Socioambiental (ISA).

Segundo a gerente da Galeria, Melina Aguilar, “são duas instituições com vasta experiência na defesa dos direitos coletivos e na busca de soluções para o desenvolvimento sustentável na região”.

Melina, de origem peruana, e os (as) atendentes da Galeria tiveram treinamento compreensivo sobre cultura e produtos Waimiri-Atoari e de outras etnias, sendo assim capazes de dar verdadeiras aulas sobre o tema. Para eles, o comércio justo é fundamental na luta pela preservação dos povos da floresta.

Segundo Melina, “a iniciativa

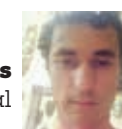
de comércio justo surgiu da busca por alternativas econômicas sustentáveis que incentivem e valorizem as comunidades, a produção de bem-estar, além da conservação e valorização da biodiversidade e das práticas tradicionais dos povos da Amazônia”.

Ela lembra que as comunidades indígenas estão sendo cada dia mais ameaçadas pela exploração ilegal, pelo extrativismo predatório.

“Há muitos indígenas que não sabem falar o português, não têm noção da formação de preço e chegam à cidade vendendo seus produtos por valores baixos ou simplesmente os trocam por algum objeto. E assim se tornam vítimas de atravessadores, que se apossam daqueles produtos por bagatelas e os vendem a preços altíssimos”, explica.

Além de comercializar artesanato, a Galeria desenvolve outras atividades em prol das comunidades tradicionais, como palestras e oficinas. Para maiores informações, acesse <http://galeriamazonica.org.br>.

Eduardo Weiss
Cientista Social



Águas de março

Tom Jobim

É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É um caco de vidro, é a vida, é o sol
É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol

É peroba do campo, é o nó da madeira
Caingá, candeia, é o Matita Pereira
É madeira de vento, tombo da ribanceira
É o mistério profundo, é o queira ou não queira

É o vento ventando, é o fim da ladeira
É a viga, é o vão, festa da cumeeira
É a chuva chovendo, é conversa ribeira
Das águas de março, é o fim da canseira

É o pé, é o chão, é a marcha estradeira
Passarinho na mão, pedra de atiradeira
É uma ave no céu, é uma ave no chão
É um regato, é uma fonte, é um pedaço de pão

É o fundo do poço, é o fim do caminho
No rosto, o desgosto, é um pouco sozinho
É um estrepe, é um prego, é uma ponta, é um ponto
É um pingo pingando, é uma conta, é um conto

É um peixe, é um gesto, é uma prata brilhando
É a luz da manhã, é o tijolo chegando
É a lenha, é o dia, é o fim da picada
É a garrafa de cana, o estilhaço na estrada

É o projeto da casa, é o corpo na cama
É o carro enguiçado, é a lama, é a lama
É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã
É um resto de mato, na luz da manhã

São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração
É uma cobra, é um pau, é João, é José
É um espinho na mão, é um corte no pé

São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração
É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho

É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã
É um belo horizonte, é uma febre terça

São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração

Au, edra, im, minho
Esto, oco, ouco, inho
Aco, idro, ida, ol, oite, orte, aço, zol

São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração



O feijão

Raquel de Queiroz

O feijão de cada dia faz-se com feijão seco, comum, chamado feijão-de-corda, de grão pequeno e redondo. O feijão-mulatinho, de grão alongado, é mais caro e menos apreciado do que o feijão-de-corda. Dizem as mulheres sertanejas que

o feijão-de-corda dá pra comer de água e sal que já tem sabor. O mulatinho exige tempero: o refogado de alho e cebola fritos no óleo ou na banha de porco. (...) O feijão, base da alimentação do sertanejo, come-se de todas as maneiras: verde, maduro e

seco. O verde come-se ainda na vagem, cortado em pedacos pequenos. O maduro (o que já se pode debulhar) come-se como o seco: cozido e temperado. O tempero mais apreciado para o feijão é a nata do leite, que em geral é retirada do leite com que se faz o queijo.

Em: O Não Me Deixes, suas histórias e sua cozinha, p.43, ARX, 2000.





SERRA DO CIPÓ

A TERRA DOS JARDINS DO JUQUINHA

Zeze Weiss

Conta a lenda que Juquinha, andarilho do bem, amante da paz e das flores, viveu na Serra do Cipó, o braço da Serra do Espinhaço que o paisagista Roberto Burle Max chamou de "O Jardim do Brasil".

Dizem, porém, que Juquinha existiu mesmo, que seu nome era José Patrício e que vivia nas montanhas, onde colhia as flores que dava aos turistas em troca de roupas e de comida. Dizem também que ele gostava mesmo era da prosa com os passantes. Juquinha teria morrido, revivido em pleno velório e, dias depois, encantado de vez, no ano de 1983.

Extremamente popular e querido, ele ganhou de presente uma bela estátua no alto da Serra, produzida pela artista plástica Virginia Ferreira, por encomenda das prefeituras de Alto do Pilar e Conceição do Mato Dentro. Desde então, o lugar tornou-se um dos pontos

turísticos mais visitados da região.

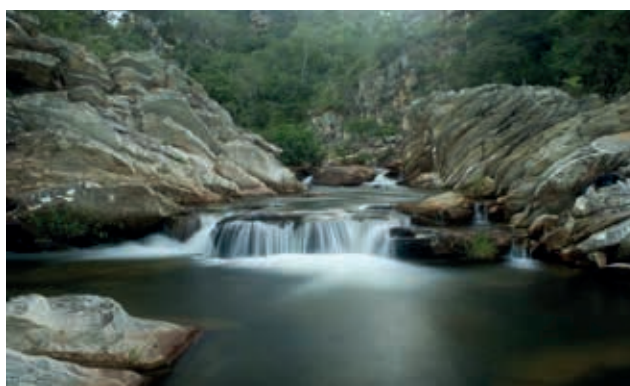
Com uma altitude entre 800 e 1.700 metros, uma infinidade de cachoeiras e um clima ameno e agradável, a Serra do Cipó, que já foi fundo de mar no período cambriano (1,7 bilhão de anos), tornou-se caminho natural para os bandeirantes que se embrenhavam pelos sertões mineiros em busca de ouro e pedras preciosas. Dessa época, restam vestígios de uma estrada de pedra, construída por escravos.

A região é rica também em marcas indígenas, expressadas nas pinturas rupestres que se reproduzem nas belas peças de cerâmica vendidas nas lojas de artesanato da região. Seu maior atrativo, porém, são as águas do rio Cipó, afluente do Rio das Velhas, pertencente à Bacia do São Francisco, permeado por cânions fantásticos, já dentro do Parque.



COMO CHEGAR

A linda e florida serra que acolheu Juquinha fica a 90 km de Belo Horizonte, logo depois da cidade de Lagoa Santa, na região sul da Cordilheira do Espinhaço, no divisor de águas das bacias dos rios Doce e São Francisco, entre o Cerrado e a Mata Atlântica, os dois biomas



mais ameaçados do Brasil.

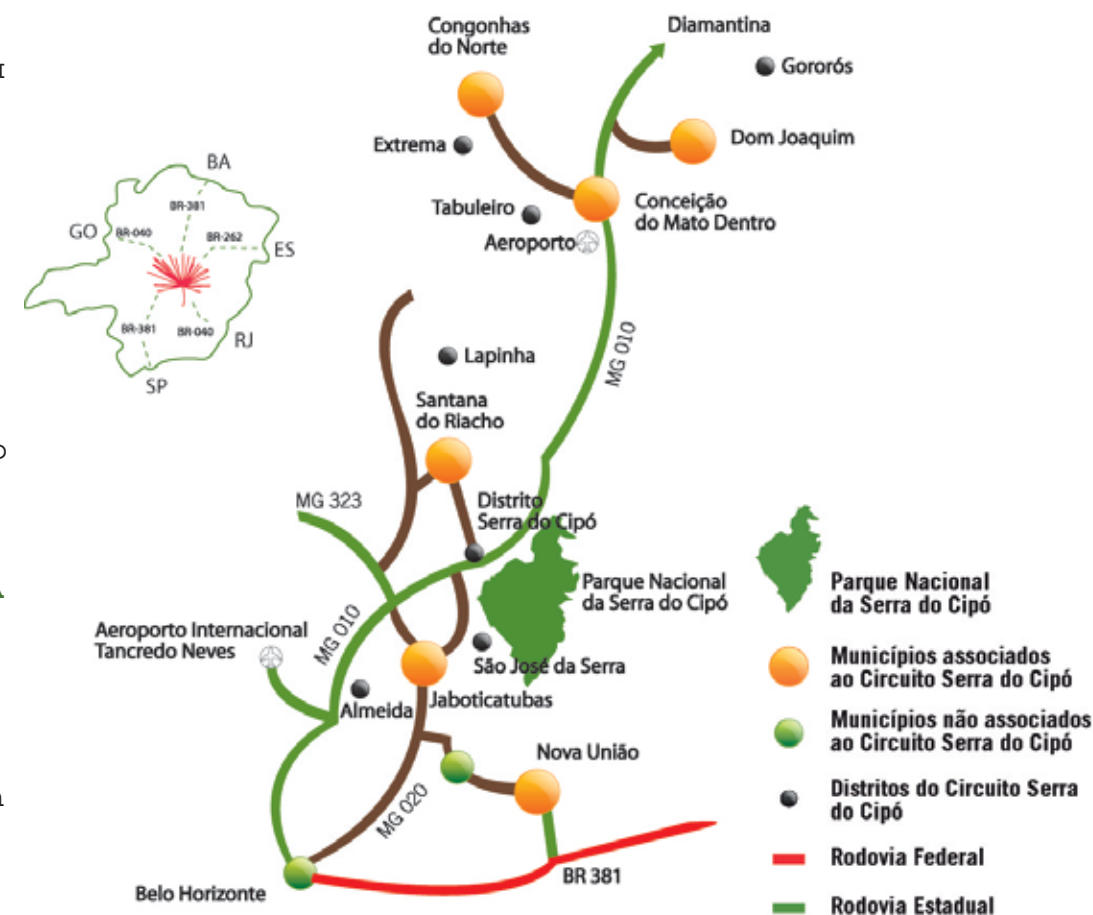
Chega-se à terra do Juquinha pela rodovia MG-010, depois de pouco mais de uma hora de viagem. Existem placas de sinalização por todo o caminho.

Com cerca de 3 mil habitantes, a cidadezinha possui uma boa estrutura turística, com pousadas, hotéis, áreas de camping, serviços de comunicação e restaurantes típicos, onde é oferecido o famoso frango com ora-pro-nóbis da Serra do Cipó.

PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ

O Parque Nacional da Serra do Cipó preserva um patrimônio natural de 33.800 hectares de cerrados, campos e matas, além de rios, cachoeiras, cânions e sítios arqueológicos, nos municípios de Jaboticatubas, Santana do Riacho, Morro do Pilar e Itambé do Mato Dentro.

Gerido pelo ICMBio, o Parque preserva também uma rica variedade de fauna e flora, com espécimes raros, muitas vezes somente encontrados nessa região, que podem ser observados a partir das trilhas ecológicas que complementam as duas principais atrações do Parque, o Cânion da Bandeirinha, uma espécie de desfiladeiro, e a Cachoeira do Sobrado, ou da Farofa,



respectivamente a 12 e 8 km da sede do Parque.

O portal de entrada fica a cerca de 5 km da cidadezinha-distrito da Serra do Cipó, no município de Jaboticatubas. É cobrada uma taxa de ingresso para estada diária, não se permitindo nenhum tipo de acampamento, exceto para equipes de pesquisa e

voluntariado. Inscrições para o programa de voluntariado devem ser feitas com antecedência mínima de 20 dias.



Zeze Weiss
Jornalista
Socioambiental

CALENDÁRIO DAS SESSÕES ORDINÁRIAS EM 2015

JANEIRO	-	-	-	-	-
FEVEREIRO	03 (terça-feira)	04 (quarta-feira)	10 (terça-feira)	11 (quarta-feira)	12 (quinta-feira)
MARÇO	03 (terça-feira)	04 (quarta-feira)	10 (terça-feira)	11 (quarta-feira)	12 (quinta-feira)
ABRIL	07 (terça-feira)	08 (quarta-feira)	14 (terça-feira)	15 (quarta-feira)	16 (quinta-feira)
MAIO	05 (terça-feira)	06 (quarta-feira)	12 (terça-feira)	13 (quarta-feira)	14 (quinta-feira)
JUNHO	02 (terça-feira)	03 (quarta-feira)	09 (terça-feira)	10 (quarta-feira)	11 (quinta-feira)
JULHO	-	-	-	-	-
AGOSTO	04 (terça-feira)	05 (quarta-feira)	11 (terça-feira)	12 (quarta-feira)	13 (quinta-feira)
SETEMBRO	01 (terça-feira)	02 (quarta-feira)	08 (terça-feira)	09 (quarta-feira)	10 (quinta-feira)
OUTUBRO	06 (terça-feira)	07 (quarta-feira)	13 (terça-feira)	14 (quarta-feira)	15 (quinta-feira)
NOVEMBRO	03 (terça-feira)	04 (quarta-feira)	10 (terça-feira)	11 (quarta-feira)	12 (quinta-feira)
DEZEMBRO	01 (terça-feira)	02 (quarta-feira)	08 (terça-feira)	09 (quarta-feira)	10 (quinta-feira)

As Sessões iniciam-se às 19h no Plenário da Câmara

CONDOMÍNIO



ASAS DOURADAS

CONFORTO E QUALIDADE DE VIDA



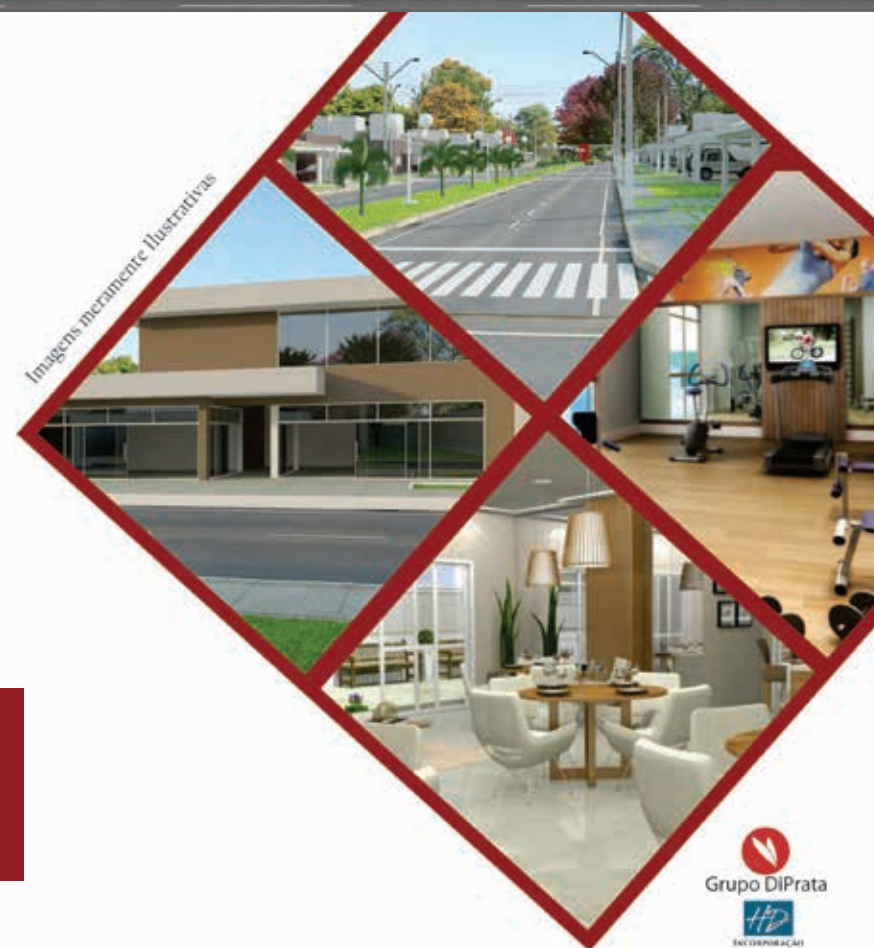
- **SEGURANÇA NA PORTARIA**
- **MONITORAMENTO 24H**
- **REDE ELÉTRICA**
- **REDE DE ESGOTO**
- **ESPAÇO FITNESS**
- **PISTA PARA CAMINHADA**
- **ACESSIBILIDADE**
- **ASFALTO**

**Paraíso do Bem-Viver
no Coração de Formosa**
a menos de 80 km de Brasília

Condomínio Asas Douradas

Rua Heitor Vila Lobos – Setor Jardim Califórnia – Formosa – Goiás
(ao lado da Loja Maçônica)

Preços somente com os corretores, por telefone, ou na Imobiliária DiPrata
(61) 3631.8029 / 8625.7084



Fotos: Acervo Prefeitura de Anápolis

CIÊNCIA E TECNOLOGIA



PLANETÁRIO DIGITAL DE ANÁPOLIS

Zeze Weiss

O município de Anápolis, localizado na BR-060, a cerca de 170 km de Brasília e a apenas 30 km de Goiânia, a capital do estado de Goiás, possui um dos melhores e mais completos planetários digitais do Brasil. Inaugurado em 30 de janeiro de 2014, com a presença do astronauta Marcos Pontes, o Planetário Digital 3D e Observatório Astronômico de Anápolis, o primeiro em versão digital do estado de Goiás, passou a atrair milhares de pessoas daquela cidade e de toda a região do Planalto Central brasileiro.

Com 1.200 m² de área construída, o Planetário Digital conta com três espaços: O primeiro é o Planetário Digital – Espaço Imersivo Multidisciplinar, próprio para projeções digitais *fulldome*. O lugar conta com uma cúpula em formato hemisférico, de 10 metros de diâmetro, equipada com confortáveis poltronas, e tem capacidade para acomodar 70 pessoas. O segundo ambiente é o Observatório Astronômico, onde é possível fazer observações dos corpos celestes por meio de um conjunto

de quatro telescópios. O contato direto com os astros permite que as pessoas aprendam mais sobre a dimensão no espaço e sua importância para o planeta Terra. O Planetário 3D também conta, por fim, com o Espaço de Ciências Afins, composto de duas salas, onde é possível interagir atividades de ciências e tecnologia, e também promover conhecimento e educação em salas exclusivas para crianças, com vários modelos pedagógicos, para elas aprenderem de forma lúdica.

O Planetário Digital funciona de terça a sexta-feira, das 8 às 18 horas, somente para visitas escolares agendadas. Para o público em geral, os horários são de quarta a sábado, das 18 às 22 horas.

Reservas podem ser feitas pelo telefone: (62) 3902-2728.



Zeze Weiss
Jornalista
Socioambiental





Ilustração: Luso-Poemas

CORA CORALINA

UMA DOCE REBELDIA

Iêda Vilas-Boas

Cora Coralina, nome fictício da escritora goiana Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, mulher simples, portadora de imensa veia poética. Cora Coralina faz-se doutora de vida e mestra de mestres. Essa mulher é estrela de primeira grandeza no cenário da literatura brasileira.

Impossível falar da obra e vida de Cora sem ressaltar seu espírito libertário, seu caráter firme e suas atitudes instigadoras. A escritora nasceu em 20 de agosto de 1889, na cidade de Goiás (Goiás Velho), então capital do estado. Filha de Jacintha Luiza do Couto Brandão Peixoto e do desembargador Francisco de

Paula Lins dos Guimarães, a Ana que virou Cora e foi rejeitada pela cidade, a moça que escrevia desde os 15 anos e foi tida como plagiadora do parente importante, criou asas e ganhou fama.

Ana, que foi ficando moça-velha, apegada aos livros, culta, inteligente, perspicaz e sem casamento, ousou obedecer aos arroubos de seu coração e fugiu com seu amado, após a passagem deste pelo norte de Goiás: homem separado, com filhos em São Paulo e uma filha mestiça. Era Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas, com quem teve seis filhos, quinze netos e nove bisnetos. Ao partir, levou

consigo não mais que sonhos, que se desfizeram na rotina conjugal.

Esses problemas, vividos em total sensibilidade pela poeta, repercutiram em sua obra. Podemos observar embutidos em seus textos a atual e emblemática questão do gênero. A poeta vivia em uma sociedade patriarcal e machista, fato difícil de ser enfrentado nos séculos retrasado e passado e, com alguma abertura, essa dificuldade ainda é vigente neste século XXI.

Por esse viés, podemos entender todo o referencial feminino na obra de Cora, justificando sua preocupação em

fazer emergir de seus poemas as vozes das mulheres excluídas de seu tempo. Cora cantou em sua lírica inovadora e de próprio estilo a luta, as adversidades, e nos apresentou a sua fortaleza diante dos percalços vividos.

Mulher, mãe, poeta, avó, doceira, brigona, por vezes mal humorada, deve ser entendida e admirada como um ser iluminado. Pessoa extremamente sensível, de conversa fácil e pensamento complexo. Impossível de ser esquecida, tinha suas manias, o dicionário como livro de cabeceira, seus dizeres, seus ditados... Antes de trazer seus poemas para a palavra escrita fez poesias usando seu inventário de vida.

Cora tinha censores intra e extracasa, mas sua poesia extrapolava estes e outros e tantos limites. Essa fantástica Cora Coralina compõe-se de várias mulheres: a Ana revolucionária, feminista, religiosa e líder política que enviuvou, viveu em terras distantes por 45 anos, plantou rosas e depois retornou à Goiás de sua meninice. Aos 76 anos, publicou seu primeiro livro, reconquistou a Casa Velha da Ponte, construiu um belo nome de doceira e fez poesia. Faleceu em 10 de abril de 1985, em Goiânia – Goiás, aos 96 anos de idade.

Dentro do sistema patriarcal e tradicional, era esperado que a mulher se sujeitasse à superioridade masculina. Ao homem cabia o papel de independência, decisões racionais, competência, diligência e poderio. A mulher deveria seguir um modelo preestabelecido de emoção e sentimentalismo, sendo legitimadora do padrão machista. Os versos de seu poema *Das Pedras* traduzem sua angústia em obedecer aos conceitos que não se acomodavam em seu peito:



*Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
(...)
Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.*

*Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.*

*Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude
dos meus versos.*

A esta altura, cabe indagar: quem é essa mulher? Quem é, afinal, Cora Coralina? Ousamos responder por sua própria voz:

*Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o
homem.
De mim veio a mulher e veio o
amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.*

*Eu sou a fonte original de
toda a vida.
Sou o chão que se prende à
tua casa.
Sou a telha da cobertura do teu
lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu
gado
e certeza tranquila ao teu
esforço.
(...)
Eu sou a grande Mãe
universal.*

A poética de Cora Coralina é a encarnação da tessitura dos encontros e confrontos das energias entre Eros e Thanatos. Sua poesia traz a força e a delicadeza das coisas naturais. Cora se intitula “cabocla velha” em *Todas as Vidas*. Por essa velhice passa a transcendência da vida. O verso serve de ponte para que nos lancemos a um inesgotável e antigo questionamento. Afinal... Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Seus poemas em prosa ou verso chegam-nos como a mais deliciosa história. Têm início, reflexões em seu meio, e o fim que deixa quase sempre, na alma de quem a lê, um sentimento de quero mais. A obra de Cora serve de instrumento de socialização da língua portuguesa. Neste sentido a linguagem de Cora é a sua casa. Nela a linguagem entra e se sente à vontade para colocar

as alpercatas e se espalhar na velha cadeira de balanço que, de sentinela, vigia a passagem do corredor sempre aberto para os aposentos internos da Casa Velha da Ponte. Estão imbricadas: a linguagem, Cora e a Casa. E dessa tríade nasce a mais pura das poesias. A poética de Cora pode ser entendida como um fenômeno que consegue resgatar os finos limiares entre sentimento, poesia e sociedade. A poeta goiana desvenda-nos seu mundo intrassubjetivo e vai construindo paragens, paisagens, portos, ancoradouros – utópicos, alegóricos ou não – de onde conchama seu povo, sua cidadezinha, seus leitores, que são muitos, pelo mundo afora, a olhar, com ela e por ela, da mesma janela da Casa Velha da Ponte, para que, juntos, possam vislumbrar a mesma visagem, ainda que sob perspectivas difusas e diferentes.

POR QUE LER E SABER DE CORA CORALINA?

Primeiro, porque precisamos valorizar a cultura de nosso estado de Goiás. Também, desmistificar o papel do feminino e empoderar as mulheres em seu cotidiano.

Ler sempre, pois a leitura possibilita uma nova aprendizagem a respeito de velhos temas e será encarada como um interessante desafio que, ao ser vencido, cotidianamente, resultará em conhecimento, entretenimento, diversão e nova consciência social. Ler é atividade fundamental. A leitura precisa ocupar espaço nobre dentro e fora da escola.

A leitura da literatura leva o leitor à expansão de experiências e a participar da transformação e democratização da sociedade. Em especial, a leitura de Cora consegue incentivar o espírito de cidadania, o respeito aos outros e a aceitação das diferenças.



Iêda Vilas-Boas

Mestra pela UnB, doutora pela Universidad Nacional Enrique Guzmán y Valle – Perú. Escreveu dois livros sobre Cora Coralina. É presidenta da Academia de Letras e Artes do Nordeste Goiano – Cadeira 13 – Patronesse Cora Coralina.



Foto: Blog Balaió Crítico



Prefeitura de Anápolis valoriza, respeita e cuida das mulheres.

8 de março

Dia Internacional da Mulher

Valorizar, respeitar e cuidar. São estes os princípios adotados pela Prefeitura de Anápolis para propor e executar ações de atenção à mulher. Tem sido assim nos últimos seis anos, período em que as anapolinas receberam benefícios nas áreas de saúde, educação, formação para o mercado de trabalho, proteção contra a violência e diversas outras iniciativas, todas com o objetivo de proporcionar-lhes bem-estar físico e emocional, e conquistas sociais e econômicas. Entre as muitas ações, merecem destaque o Cais Mulher, que reúne todos os procedimentos de assistência à saúde feminina, entre eles o Banco de Leite; e o Centro de Referência da Mulher, criado para amparar vítimas de violência doméstica.

Parabéns!





Foto: Nara Sena

MAGISTÉRIO - PROFISSÃO MULHER

Lúcia Resende

O magistério é tipicamente uma profissão feminina. Basta lembrar os nossos primeiros anos na escola para constatar que a maioria de nós teve só professoras ou, no máximo, um ou outro professor. Em geral, os homens atuam a partir do sexto ano do ensino fundamental, e a presença deles torna-se maior a cada degrau da escala educacional, acentuando-se na educação profissional e superior.

Dados do Ministério da Educação mostram que, na educação infantil, a cada grupo de 100 professores, apenas 3 são

homens. Na educação básica, as mulheres são mais de 80%. No ensino médio, elas também são maioria, 63%. Em suma, o magistério pode ser chamado de profissão mulher.

Mas nem sempre foi assim. Houve uma feminização do magistério, ao longo da história. Neste mês da Mulher, vale pensar sobre algumas questões: quando e por que teve início o processo? Isso tem relação com a desvalorização do magistério? Que desafios têm hoje as professoras?

Para responder a essas

questões é preciso analisar o contexto em que a mulher ingressou na profissão no país. No século 16, na própria metrópole não havia escolas para meninas. Aqui, na Colônia, a prática foi a mesma. Só no final do século 18 é que começaram a surgir, de modo esparso, algumas escolas acolhendo meninas, embora com o propósito único de ensiná-las a serem boas donas do lar.

Até 1827, quando foi estabelecido em lei o direito da mulher ao estudo, a educação no Brasil esteve a cargo de homens,

sobretudo de padres jesuítas e de tutores com reconhecido saber. A nova lei padronizou as escolas de primeiras letras no país, reforçando, entretanto, a prática de discriminação da mulher, sobretudo via currículo. Aos homens, a ciência, os cálculos, a aritmética. Às mulheres, as letras básicas, rudimentos de matemática e as prendas do lar.

Diante das novas imposições legais, era preciso formar professoras, pois que não era conveniente professores homens para as meninas. Em 1835, surgiu em Niterói o primeiro curso Normal do país. Logo depois, outras escolas surgiram na Bahia, São Paulo e Pernambuco, entre outras. Em estudo denominado Analfabetismo no Brasil (Inep, 1989), Ana Maria Araújo Freire afirma que a Escola Normal da Bahia admitia as mulheres num "curso especial" e que, entre 1842 e 1847, teve oitenta e três alunos, sendo 68 homens e 15 mulheres (1989, p.48). Isso mostra que os homens eram maioria nesses cursos até então.

Mesmo com a incipiente formação de professoras, a partir de meados do século 19 as meninas – não todas – começaram a ser educadas, com currículo diferenciado. As primeiras professoras, advindas da classe média alta, iniciaram o magistério por diletantismo ou por "sacerdócio". A remuneração era o que menos importava, afinal, ao homem cabia prover o lar.

Após a República, intensificou-se o processo de feminização do magistério. Estudos de Marília Pinto de Carvalho (UFRJ, 1998) revelam que, no início do século 20, vigorava um

discurso que associava "o ensino primário com características consideradas femininas". E lembra que aos homens eram associados "aqueles aspectos socialmente identificados com a masculinidade, tais como a racionalidade, a impessoalidade, o profissionalismo, a técnica e o conhecimento científico".

Essa concepção de que o magistério é "dom" feminino e de que a remuneração é de menor importância acentuou-se ainda mais a partir de meados do século passado, com a urbanização do Brasil. Por questões políticas, históricas e culturais, foi-se legitimando e se constituindo em um dos aspectos que contribuíram para a desvalorização do magistério. Magda Chamon, da UFMG, afirma que "cabia à escola contribuir tanto na produção quanto na reprodução social, visando fortalecer e legitimar as práticas culturais urbanas que interessavam às elites dominantes".

Na verdade, ávida por ingressar no mercado de trabalho, e convicta de sua "missão", a mulher ocupou os espaços nas salas de aula, sob a batuta dos homens. Se por um lado o magistério foi caminho importantíssimo para a entrada da mulher no mercado de trabalho, por outro, a feminização pautada pela lógica da profissão como sacerdócio contribuiu para a desvalorização do magistério e, ainda hoje, contribui para a dificuldade de mobilizar a categoria para a luta contra essa desvalorização.

Bia de Lima, presidenta do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás (Sintego),

alerta: "o magistério, neste século 21, não pode mais ser visto apenas como mero 'sacerdócio', mas precisa ser compreendido como uma profissão que, como qualquer outra, demanda conhecimento, habilidade e competência. Da mesma forma, demanda remuneração digna. Aliás, a remuneração é um dos pilares que sustentam a valorização pela qual tanto temos lutado".

Em Goiás, o Sintego vem desenvolvendo trabalho no sentido de fortalecer esse entendimento e de romper com essa cultura secular. O resultado



disso é visível, no nível de conscientização do professorado, na capacidade crescente de mobilização e na luta permanente pela valorização do magistério.

Aqui, como em todo o país, os desafios são muitos. A pauta atual inclui garantir o pagamento do piso salarial e combater o achatamento da carreira. Fora isso, romper com essa visão de mero sacerdócio e continuar lutando pelo fortalecimento dos pilares estruturais da profissão: formação continuada; remuneração justa; melhoria das condições de trabalho; e plano de carreira capaz de atrair pessoas para o exercício da profissão.

Para além de profissão mulher, o magistério precisa ser profissão de pessoas qualificadas, bem remuneradas e felizes, independente de gênero. Disso depende a qualidade da educação.

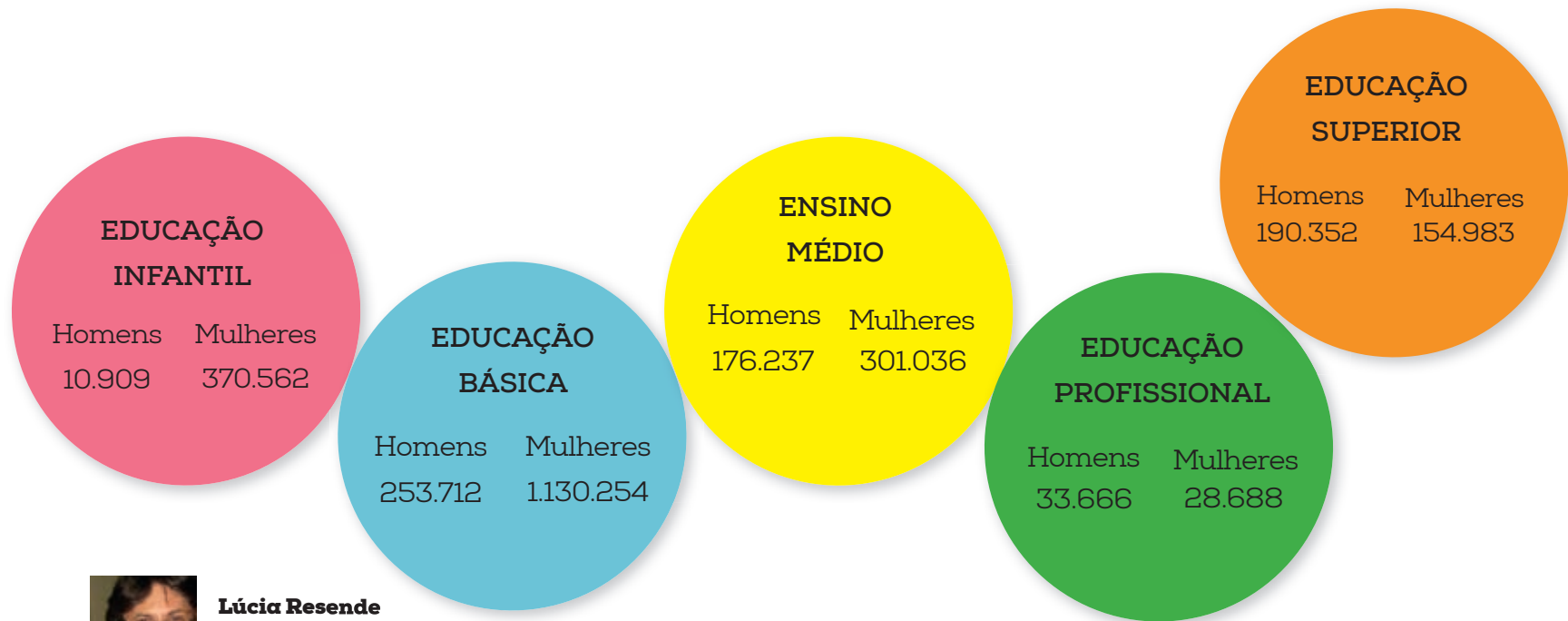


Foto: Simonny Santos

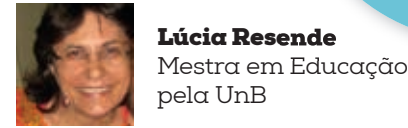
Bia de Lima, presidenta do Sintego



PROFESSORAS E PROFESORES DO BRASIL



Censo da Educação Escolar e Censo da Educação Superior (MEC/Inep-2010)



Lúcia Resende
Mestra em Educação pela UnB

UM CHAMADO À COOPERAÇÃO E À ESPERANÇA

Leonardo Boff

Vivemos tempos dramáticos e, ao mesmo tempo, esperançadores. Dramáticos porque nossa Casa Comum, a Terra, parece estar ardendo em chamas. Temos que nos organizar para salvá-la. Esperançadores porque mais e mais pessoas estão despertando para suas responsabilidades para com o futuro comum, da vida, da humanidade e da Terra. Este futuro só será garantido se colocarmos a sustentabilidade como um denominador comum de todas as formas de vida e de nossas práticas.

Os tomadores de decisões, particularmente no campo da economia e das finanças, em profunda crise sistêmica, lentamente percebem que as causas principais da crise atual não se encontram na economia, mas na ética que foi desrespeitada pelo excesso de ganância e pela ausência da justa medida, e isso levou à falta de confiança, necessária para a fluidez da vida econômica.

Temos que voltar a fazer o bem, o justo e o certo, e não apenas não fazer o mal. Por isso se justifica a intrigante pergunta: Que tipo de sustentabilidade os países industrializados e ricos podem oferecer para a vida e para a Terra se não conseguem sequer garantir a sustentabilidade daquilo que constitui o mais importante para eles, que são os mercados e o valor das moedas?

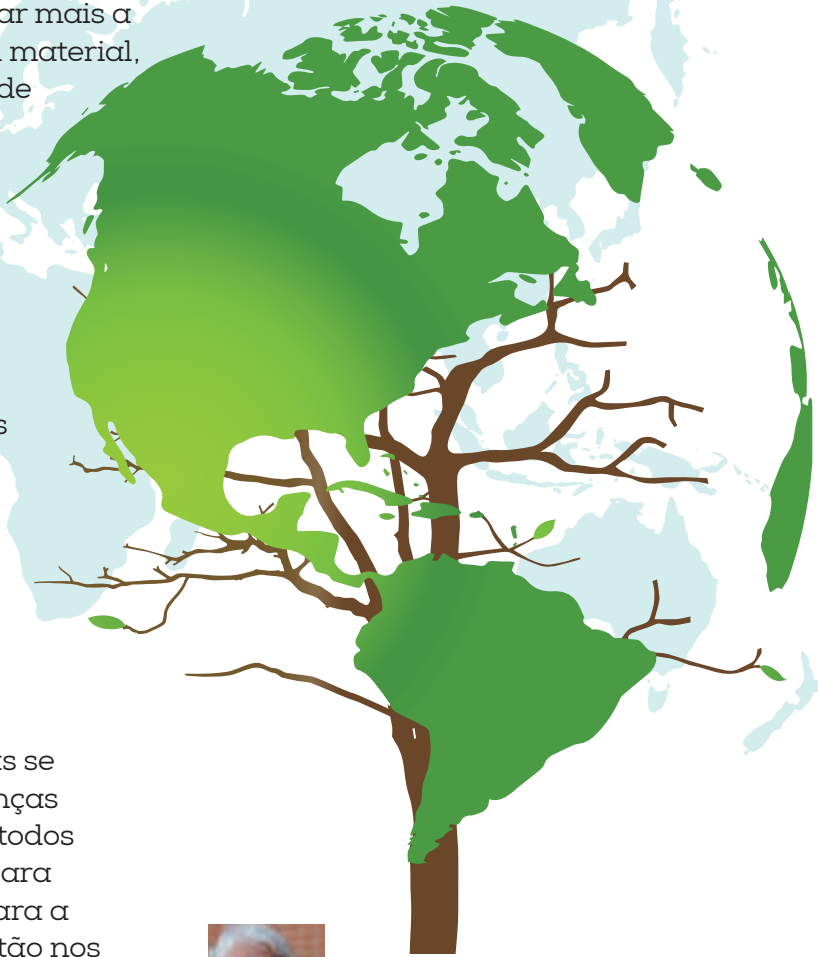
Não obstante estes impasses, cremos que, ao agravar-se, dia a dia, o mal-estar cultural e ecológico, vai prevalecer o senso de urgência que porá em marcha a quebra do paradigma de dominação e de conquista atual em favor do paradigma do cuidado e da responsabilidade coletiva, este sim, capaz de devolver vitalidade à Terra e assegurar um futuro melhor para o mundo globalizado.

O nível mais alto de consciência, o espiritual, nos convencerá a amar mais a vida que o capital material, a evitar todo tipo de dano à biosfera e a tirar da Terra somente aquilo que realmente precisamos para viver com suficiência e decência. Esse é um dos propósitos básicos da sustentabilidade.

Por natureza somos seres de cooperação e de solidariedade. Em momentos de grande risco e de tragédias coletivas se anulam as diferenças de classe social e todos são convocados para a cooperação e para a solidariedade. Então nos entreeajudamos para nos salvar. Esse momento se

aproxima, pois a Terra está dando inequívocos sinais de estresse e de limites de suas forças.

Não estamos diante de uma tragédia anunciada, mas no coração de uma crise fundamental que nos vai acrisolar, purificar e permitir dar um salto rumo a uma humanidade sustentável habitando um mundo que juntos podemos fazê-lo existir sustentavelmente.



Leonardo Boff
Teólogo. Filósofo. Escritor



Foto: Niteroiurgente

BUZU DE GRAÇA EM MARICÁ!

Jaime Sautchuk

Em Maricá, cidade fluminense com 143 mil habitantes, acaba de ser instituído o passe livre pra todos, quebrando uma espécie de tabu que existe em torno do transporte público no Brasil. Até agora, mesmo quando esse serviço é prestado por empresa estatal, é cobrada uma tarifa dos usuários, ainda que haja isenções setoriais.

O conceito em vigor é o de que o transporte gratuito é inviável. De modo geral, a maioria das prefeituras entrega a gestão do setor a empresas privadas e paga a elas pelo uso do serviço, seja por meio de vale-transporte, seja em dinheiro

vivo. Essas empresas calculam as tarifas, inclusive. Isso era o que ocorria em Maricá, segundo relata o prefeito, Washington Quaqué.

A contabilidade do transporte urbano é bastante complexa e varia entre as unidades da Federação. Mas em um aspecto os gestores desse serviço concordam: quem paga a conta é sempre o usuário. Quando governos estaduais ou municipais bancam alguma parte, entra dinheiro federal, de impostos locais, de fundos especiais, de taxas de pedágio, multas e estacionamento, tem de tudo, enfim.

O mais usado, no entanto, é o mecanismo do “subsídio cruzado”, pelo qual é dada gratuidade a uma categoria de usuários (idosos, por exemplo), mas é feita uma média ao se fixar a tarifa. Ou seja, a pessoa que não pagou é incluída no cálculo final, de modo que o valor que seria da sua passagem é dividido entre os demais usuários.

O prefeito de Maricá faz as contas e demonstra que fica mais barato dar transporte de graça a todos os cidadãos do que pagar por algumas isenções. A prefeitura de lá pagava R\$ 400 mil por mês apenas pela locomoção de seus funcionários

na rede de ônibus local, sem contar outros subsídios. Agora, com o passe livre, são gastos menos de 800 mil mensais com todo o sistema. Havia um ralo no caixa, portanto.

Pra implantar esse serviço, a prefeitura criou uma empresa pública de transportes. Esta comprou uma frota de ônibus e assumiu as linhas-tronco da cidade, numa primeira fase, deixando rotas alimentadoras com um sistema de vans particulares. Mas também essas vicinais serão atendidas por vans gratuitas, numa próxima fase.

O sistema implantado naquela cidade demonstra, portanto, que também o direito à mobilidade, previsto na Constituição Federal, pode ser assegurado de forma gratuita, como ocorre nos setores de educação e saúde, por exemplo.

Estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), corroborados por outros órgãos oficiais e ONGs, demonstram que a gratuidade é possível, mesmo com gestão privada do sistema. Basta, pra isso, que exista um rígido controle do governo local sobre a circulação dos veículos, vigiando horários e roteiros, principalmente. E aplicando fórmulas justas de remuneração, que são por demais conhecidas dos órgãos que regulam o setor.



Foto: Prefeitura do Ri



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor



Café Itiquira. Campeão no sabor e está conquistando seu coração.



NOITES TORTAS

Guilherme Cobelo

Brasília é uma cidade moderna que a seu modo sintetiza a diversidade regional brasileira, acumulando gírias, mesclando sotaques, fundindo as tradições em um movimento constante. Mercê de sua colonização, a realidade cultural da cidade é um amálgama envolvente que absorve tudo. A dinâmica urbana, embora limitada por paralelas e espaços vazios, promove contágios criativos que tendem à formação de cenas musicais mais ou menos duradouras.

A noite brasiliense, apesar da pressão governamental no sentido de silenciá-la, ou talvez por isso mesmo, nos últimos anos vem sendo agitada por movimentos convulsivos que a levam a se tornar cada vez mais um espaço de convívio social. Se é verdade que as sentinelas do silêncio multam e lacram os estabelecimentos que ultrapassam a barreira da caretice instituída, por sua vez a juventude dá sinais de que o sono-dos-justos é um obstáculo e uma ofensa à saúde do som, do ruído e do barulho.

Inclusive, como a psicologia atesta, as interdições muitas vezes acabam estimulando a transgressão, conferindo ao ato rebelde um sabor de vitória e redenção. Levando em conta, por exemplo, a influência que as culturas do Norte e Nordeste têm sobre a cidade, sobretudo em relação à ala psicodélica da população, como esperar que o burburinho cesse quando chega a hora-de-dormir?

O coco de Pernambuco se espalhou entre os universitários com a força de uma epidemia. Os clássicos "ó mamãe eu quero eu quero brilhantina no cabelo" e "subi no olho da aroeira" estão na boca das meninas há anos, bem como o pandeiro anda de mão em mão nas rodas que se arrastam noite adentro, para o terror dos burocratas. As velhas conquistas são verdadeiras estrelas em Brasília. Dona Cila que o diga! Há muitos carnavais sua casa recebe as hordas de calangos que migram para Olinda em busca de sua atmosfera festiva.

O tecnobrega, típico do Pará, também parece ter espalhado

suas raízes cafônicas na ilha de Brás. Não é raro ir a festas em que o gênero seja praticamente predominante. Hits como "Piranha", de Alypio Martins, voltaram à tona da noite pro dia. O que a Gabi Amarantos tem a ver com isso eu não sei, mas é fato que a cidade está passando por uma renascença brega. Vide as roupas, vide os bigodes, toda a florescência das estampas e os apetrechos kitsch.

Bandas como Carol Ferraz e as Caramolas Reluzentes, Talo de Mamona, Muntchako, e a cantora Emília Monteiro, evidenciam o quanto uma nova cena tropicalista (ao pé da letra) está se desenvolvendo na capital. Apesar de toda a perturbação política e da truculência policial, ainda se ri e ainda se dança. Evoé! Os subterrâneos nunca adormecem, seja na cidade, seja na mente. Todo recalque se parte. Tapar garrafa com tampinha dá nisso: depois que agita, explode. O povo está no gás. E fim de papo.

Guilherme Cobelo
Historiador, Livreiro.



SERRA DAS AREIAS

PATRIMÔNIO VERDE DE APARECIDA E REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA

A Serra das Areias está localizada na região sul de Aparecida de Goiânia e é a principal reserva ambiental do município, correspondendo a 17% do território da cidade. Ao todo, a serra possui uma área de 2.890 hectares. Em 1999, foi legalmente criado o Parque Serra das Areias, reconhecendo a grande flora e fauna existentes na região e a necessidade de preservá-las. Mesmo com a devastação de parte de sua mata nativa e de seus mananciais, praticada até a criação do parque, a Serra das Areias conserva ainda hoje incríveis quedas d'água, animais e nascentes. Os mananciais, além de serem o principal atrativo do local, são extremamente importantes para a população, pois 90% deles são afluentes do Ribeirão das Lajes, responsável por parte do abastecimento da cidade.

Geograficamente, o subsistema da Serra das Areias situa-se entre 840 e 999 metros de altitude e destaca-se por apresentar uma pluviosidade disposta entre 1450 a 1550mm/a (Dambrós et al., op. cit.). A vegetação natural é composta por savana arborizada com floresta de galeria nos fundos de vales. Justamente pelas belas paisagens que abriga,

a Serra das Areias sempre atraiu uma grande quantidade de turistas, principalmente da Região Metropolitana de Goiânia. Em função da região acidentada e vegetação densa, os visitantes lançam mão de diversos instrumentos para explorar o local, como bicicletas e motocicletas. A realização de trilhas na Serra era, até bem pouco tempo, atividade frequente no manancial, o que muitas vezes afugentava os animais e contribuía para a devastação da mata.

Os loteamentos irregulares realizados ao longo do crescimento de Aparecida de Goiânia – o maior município em número de habitantes do Centro-Oeste brasileiro, com exceção das capitais – também foram responsáveis por parte da destruição ambiental da Serra das Areias.

PREFEITURA DE APARECIDA TRABALHA PARA PRESERVAR UNIDADE DE CONSERVAÇÃO

Com a implantação do Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra das Areias, a administração do prefeito Maguito Vilela (PMDB) pretende mudar para melhor a realidade do local. Em novembro de 2013,

a composição do plano teve início com a assinatura de um Termo de Cooperação Técnica entre a Prefeitura de Aparecida e a Associação Comercial e Industrial de Aparecida de Goiânia (ACIAG). No termo, a entidade se comprometeu a contratar uma equipe técnica especializada para realizar o Plano de Manejo da Reserva da Serra das Areias. A contratação da empresa não teve qualquer ônus para o município, e o objetivo do termo era permitir a utilização de áreas próximas à serra por empresas e comércio também.

Assinado o termo, a elaboração do plano de manejo da Serra das Areias teve início com uma minuciosa coletânea de dados da geologia, da fauna e flora existentes, além dos impactos que a ocupação provoca no local e detalhes socioeconômicos da região, com suas consequências sobre o manancial.

Após esse levantamento, a equipe de técnicos coordenada pelo geólogo Sílvio Mattos, com a participação de técnicos da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semma), realizou diversas oficinas e reuniões públicas com a sociedade aparecidense, ao longo de

2014. Todo o trabalho foi feito em consonância com o Sistema Nacional de Unidade de Conservação da Natureza. Cuidou-se ainda de uma série de aspectos legais do município, como as Leis Municipais nº 2018, nº 2253 e os Decretos nº 909, de 04 de junho de 2004, e nº 391, de 24 de novembro de 2009, que, entre outras coisas, autorizam o Executivo a desapropriar ou declarar de utilidade pública áreas, imóveis urbanos e rurais para a implantação da Unidade de Conservação (UC) Serra das Areias.

Durante o levantamento, foi constatado que cerca de 40 bairros, além de propriedades rurais, encontram-se na zona da serra considerada pelo plano. O objetivo então foi, com a participação popular, chegar a formas de uso sustentável do espaço ocupado, já que a desapropriação pura e simples é mais complexa e traumática.

DIVISÃO FACILITARÁ REGULAMENTAÇÃO DE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA SERRA DAS AREIAS

Dessa forma, o plano delimitou a Serra das Areias em três zonas distintas e definiu as atividades que serão permitidas ou não em cada uma delas. A primeira, determinada Zona de Preservação, compreende uma área total de mais 2.716 hectares e terá uso prioritário para fins de

pesquisa, educacionais e recreativos, com restrição de práticas mais agressivas ao meio ambiente. A segunda, denominada Zona Rurbana, compreende pouco mais de 547 hectares e comportará ações de recuperação e ocupação controlada, com medidas de proteção ambiental nos empreendimentos existentes e cumprindo as legislações federal, estadual e municipal. Nesse perímetro, poderão ser implantadas atividades econômicas autossustentáveis, que tenham infraestrutura própria, independente e com controle ambiental, como sítios de recreios, ecovilas e agrovilas, escolas rurais, entre outras estruturas. A última área é a Zona Agropecuária, com cerca de 660 hectares, onde propriedades rurais já estabelecidas continuarão atuando sob a orientação do município, cumprindo as normas estabelecidas no plano de manejo como compensação ambiental, entre outras.

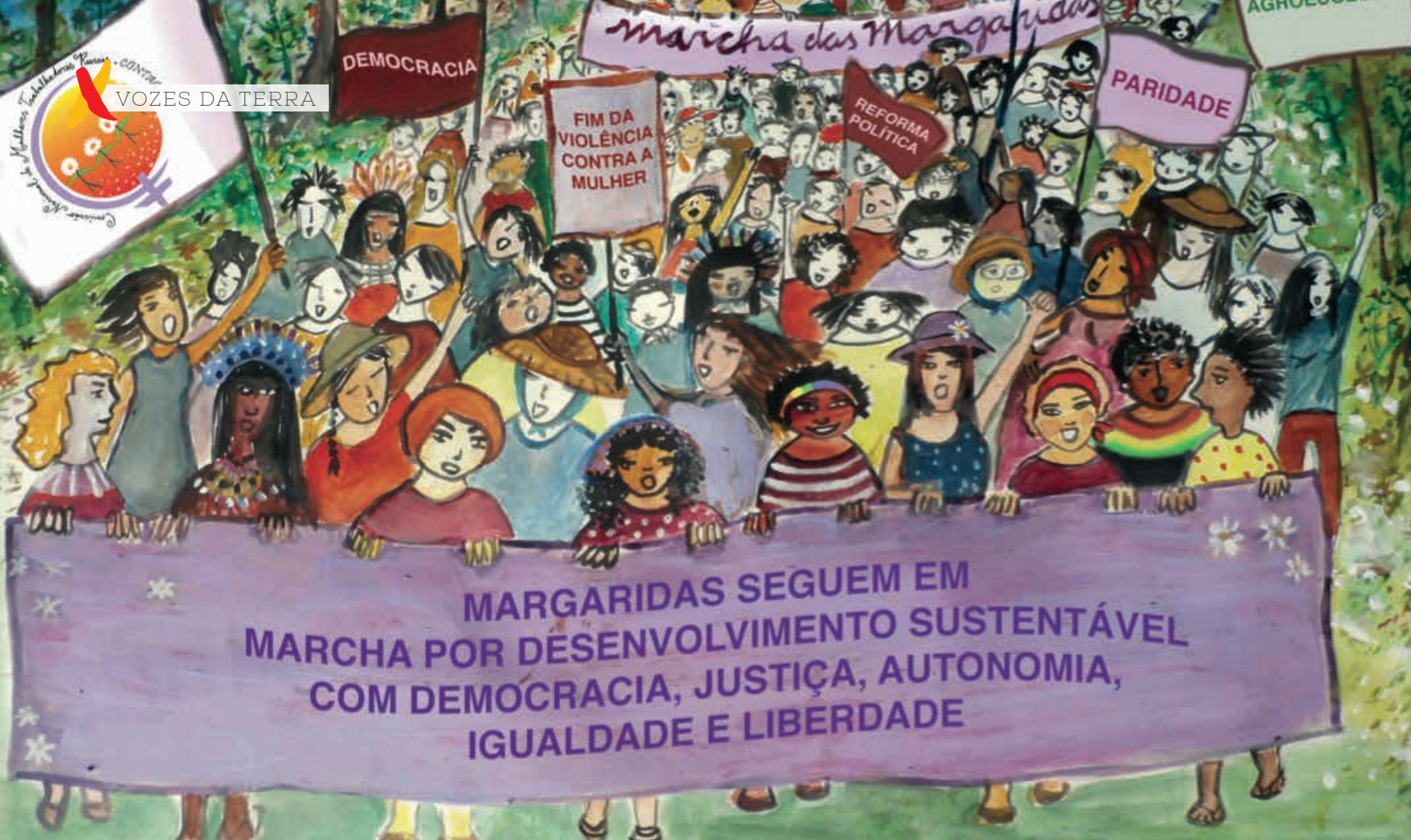
Todo o trabalho de elaboração do plano de manejo da Serra das Areias teve a contribuição de outros núcleos da administração municipal, bem como da comunidade afetada e seus representantes, como associações de moradores e instituições não governamentais. Após a última audiência pública, realizada em janeiro de 2015, o plano de manejo passou por últimos ajustes no seu texto e

será encaminhado à Câmara Municipal de Vereadores ainda neste semestre para apreciação e votação.

CAMINHADA ECOLÓGICA

Para sensibilizar e conscientizar a população aparecidense para a preservação da Serra das Areias, em junho de 2013, o prefeito Maguito Vilela promoveu uma caminhada ecológica que atraiu a participação de cerca de 50 pessoas. O objetivo também era despertar os moradores da cidade para o seu papel em todo o processo de proteção do manancial local, que sofreu muito com retiradas de areia, pedras e madeira, desde o início do povoamento de Aparecida. O trajeto foi de quatro quilômetros (ida e volta), até a Garganta do Guará, uma das mais bonitas cachoeiras da serra. A atividade teve início com o hasteamento das bandeiras Nacional, Estadual e Municipal no alto da Serra, a 990 metros do nível do mar. O prefeito destacou o fato de que a Serra das Areias já chegou a possuir 14 cachoeiras, hoje reduzidas a apenas seis. Com a fiscalização estabelecida em 2009, no início da atual gestão, a administração municipal já conseguiu estender o limite de área preservada para 50 quilômetros. O próximo passo para a recuperação do ecossistema local é a implantação do Plano de Manejo.





MARGARIDAS EM MARCHA

Socorro Alves

Em março de 2015 começam as ações de mobilização, formação e divulgação da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), das Federações e dos Sindicatos parceiros para a Marcha das Margaridas, agendada para os dias 11 e 12 de agosto, em Brasília. A Marcha das Margaridas homenageia a trabalhadora rural Margarida Maria Alves, sindicalista e lutadora pelos direitos humanos, assassinada em 12 de agosto de 1983, em Alagoa Grande, na Paraíba.

Para a quinta edição da Marcha das Margaridas, a maior ação protagonizada por mulheres na América Latina, foi escolhido o tema Margaridas seguem em Marcha por Desenvolvimento Sustentável com Democracia, Justiça, Autonomia, Igualdade e Liberdade. Uma vez mais, milhares de mulheres do Brasil inteiro, do campo e da cidade, sairão às ruas para protestar contra toda e qualquer forma de violência, apresentar propostas e fortalecer a luta por uma

sociedade mais justa, menos desigual e mais igualitária para as gerações presentes e futuras. Alessandra Lunas, Secretária de Mulheres da Contag e coordenadora geral da Marcha, expressa o sentimento das mulheres rumo a mais essa caminhada histórica: "Seguimos em Marcha! Com a nossa experiência, garra e criatividade, seguimos mobilizando companheiras em todos os municípios e estados do país, para realizarmos a Marcha das Margaridas em 2015".



Socorro Alves
Assentada da Reforma Agrária,
Mobilizadora Social.

Primeira loja **Ultrabox:**
PLANALTINA - BR 020 ao lado do Posto Itiquira.

Segunda loja **Ultrabox:**
GAMA - ao lado do Balão do Periquito.



ULTRABOX

ATACADO E VAREJO

DF 150 - Km 4

Grande Colorado



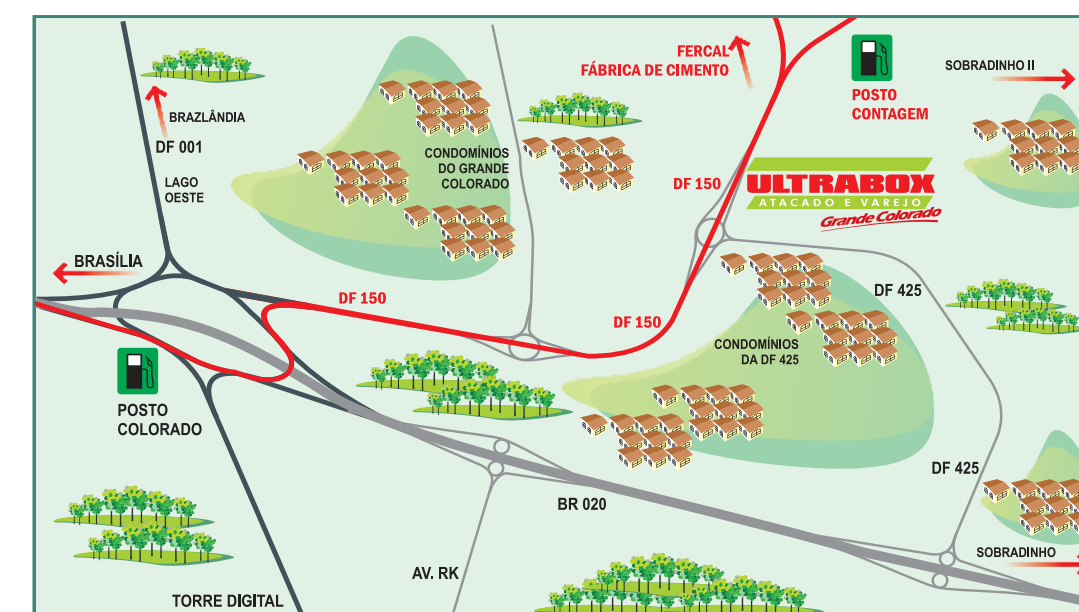
**Sucesso para suas compras
no atacado e varejo.**



**Ultrabox atende
o comerciante:**
Preço de atacado para você
manter seu estoque em dia.

**Ultrabox atende
quem produz:**
Matérias Primas e embalagens
para pizzas, quentinhas,
biscoitos ou salgadinhos
para vender.

Ultrabox atende você:
Preço baixo e qualidade para
sua despensa e consumo.



Ultrabox Grande Colorado, fácil de encontrar. DF 150 - Km 4

ESTRESSE MALHAR PREVINE

#vemprarunway



runway.com.br



/runwaybrasil



/runwayacademia

ÁGUAS CLARAS 3435.9000 ASA NORTE 3349.3236 LAGO NORTE 3964.3030 SUDOESTE 3342.5000